UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

MARIA CREUZA GONÇALVES

Os Migrantes Mineiros Vendedores de Mandioca nas Ruas de São Paulo

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Os Migrantes Mineiros Vendedores de Mandioca nas Ruas de São Paulo

Maria Creuza Gonçalves

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Mestre na área de Geografia Humana.

Área de Concentração: Geografia Humana.
Orientadora: Profa. Dra Léa Francesconi.

Versão corrigida pós a Defesa

São Paulo
2010

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Gonçalves, Maria Creuza
Migrantes mineiros vendedores de mandioca nas ruas de São Paulo
/ Maria Creuza Gonçalves ; orientadora Léa
Francesconi. – São Paulo, 2010.
98 f. ; il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração:
Geografia Humana.

1. Trabalho informal - São Paulo (SP). 2. Migrantes -
Minas Gerais. 3. Alojamento. 4. Intermediação de mão-deobra.
I. Título. II. Francesconi, Léa.

CDD 331

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Professora Doutora Léa Francesconi, que aceitou o desafio de orientar este trabalho e durante esses anos de convivência muito contribuiu com suas orientações para o meu amadurecimento intelectual e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da universidade de São Paulo pela oportunidade de realizar o curso de mestrado.

À Professora Doutora Amélia Damiani e ao Professor Doutor Carlos de Almeida Toledo, que contribuíram na construção desse trabalho por meio do Exame de Qualificação e reflexões no cotidiano.

À Professora Doutora Marta Inez Medeiros Marques pela cuidadosa tradução deste resumo para o Inglês.

Para o acesso aos mandioqueiros no alojamento contamos com a ajuda dos amigos geógrafos e pesquisadores colombianos Lina e seu companheiro Camilo. O alojamento é masculino e minha presença causaria constrangimentos onde poderíamos perder a pesquisa. O Camilo, Lina e eu formamos então uma equipe de pesquisa e assim pudemos sem maiores constrangimentos adentrar no alojamento para conversarmos com os mandioqueiros. Foi com o Camilo e Lina que tiramos as primeiras fotos do alojamento. A inserção desses colegas na pesquisa se deu por meio de um convite que fiz a eles para conhecerem a periferia da Zona Leste paulista e jamais imaginávamos que eles fossem prestar tamanha ajuda no caminhar da pesquisa.

Camilo e Lina muito obrigado!

Aos amigos Flávia Elaine, Ricardo Baitz, Jânio Diniz e André Carvalho muito obrigado pela ajuda e companheirismo nos vários momentos desta pesquisa.

Finalmente o meu muito especial obrigado aos colegas de orientação o Grupo-Pós - Léa: André Borsa, Leandra, Evaldo, Nádia, Anderson e Kelle, Adriana, Íris, Amir, Herodes.

Obrigado especial ao Israel e Marcelo(meus gêneros e um agradecimento carinhoso pela ajuda das minhas filhas Cinthia e Gislaine.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o migrante mineiro vendedor de mandioca em carrinho-de-mão porta a porta nas ruas da metrópole paulista. O objetivo do trabalho foi desvendar o conteúdo da forma da inserção desse trabalhador migrante mineiro na metrópole paulista. A investigação foi se delineando em torno dos migrantes mineiros que apresentam uma especificidade na forma de organização da venda de mandioca porta a porta que despertou nosso interesse. Os vendedores de mandioca se organizam por alojamento de parentes como forma de arregimentar turma para venda de mandioca porta a porta. Baseado no estudo empírico, de tipo qualitativo conduzimos a pesquisa, em três alojamentos na metrópole paulista. A forma de inserção desses migrantes na metrópole está balizada nas mudanças nas condições gerais do mercado de trabalho e na forma de procurar trabalho na metrópole paulista a partir dos anos de 1990. Neste período se acentua o encolhimento do número de postos de trabalho, a deterioração nas condições gerais do mercado de trabalho, a ampliação do trabalho precário, informal. Desaparecem as filas nas portas das fábricas e aumentam os postos de serviço de intermediação de mão-de-obra para recolocar trabalhadores no mercado de trabalho. No caso dos vendedores de mandioca as redes sociais se conformam como redes de parentesco que se articulam na metrópole e constituem o mercado de intermediação de mão-de-obra caipira para trabalhar na Metrópole paulista. Estes vendedores de mandioca subvertem a ordem e inserem qualificações caipiras na ordem do trabalho metropolitano.

Palavras-Chave: trabalho; trabalho-precário; migrante sazonal; alojamento; metrópole e intermediação de mão-de-obra.

ABSTRACT

This study has as object the migrant from Minas Gerais that works as door-to-door seller of cassava in cart-hand in the streets of the metropolis of São Paulo and aims to unveil how the migrant worker is integrated in this city. The analysis prioritizes the migrant who presents a specific form of organization in the door-to-door sale of cassava. The sellers of cassava are organized by relative lodging as a way to form a team for door-to-door cassava sale. The research was based on a qualitative empirical study conducted in three lodging in the metropolis. The economic integration of these migrants in the metropolis has occurred from the 1990s, during a period of changes in the general labor market conditions in the metropolis of São Paulo. This period is marked by the shrinking number of jobs, the deterioration in general labor market conditions, the expansion of informal and precarious work. The queues on the doors of the factories disappear and the brokering service to repositioning the workers into the labor market increases. In the case of cassava sellers the social networks conform as kinship networks that fit in the metropolis and constitute an intermediation market of rural migrant manpower to work in São Paulo's Metropolis. These cassava sellers subvert the order and enter rural qualifications in the order of the metropolitan labor.

Keywords: labor, precarious work, seasonal migrant, lodging, metropolis and manpower brokerage.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
1.O migrante mineiro vendedor de mandioca em carrinho de mão porta a porta nas9	
ruas da metrópole paulista	
1.1. A Venda da mandioca nas ruas da metrópole paulista.....	10
1.2. O vendedor de mandioca na metrópole paulista.....	19
1.3. A organização do alojamento de mineiros na periferia da metrópole	
Paulista.....	25
2. As Redes de Distribuição de Mandioca.....	38
2.1. A origem e o fornecedor de mandioca.....	38
2.2.A intermediação na venda da mandioca: empreiteiros e intermediários.....	42
2.3.A Distribuição da Mandioca para os alojamentos dos mineiros na periferia	
da metrópole paulista.....	46
3. A origem dos vendedores de mandioca: o migrante sazonal do norte de Minas.	
3.1. O norte de Minas: Os geraizeiros encurralados pelo eucalipto.....	48
3.2. A arregimentação dos migrantes mineiros pelo gato no norte de Minas: As	
redes sociais e o mercado de intermediação de mão de obra caipira para	
trabalhar na metrópole paulista.....	59
3.3. A viagem: as idas e vindas e o retorno para a festa de São João no norte de	
Minas e os bares ponto de encontro de migrantes e rodoviária alternativa de	
migrantes de Taiobeiras-MG.....	69
Considerações Finais.....	73
Bibliografia.....	75

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto o migrante mineiro vendedor de mandioca de porta em porta no carrinho de mão. Estes migrantes se deslocam sazonalmente da zona rural do município de Taiobeiras no Vale do Jequitinhonha no norte de Minas Gerais, para a capital paulista; recrutados e acompanhados de irmãos, tios, primos, padrinhos que juntos são alojados em casas de cômodos na periferia da cidade para vender mandioca.

Durante o período em que a mandioca está “cozinhando”, como dizem, deixam a cidade mineira de Taiobeiras, percorrendo cerca de 1250 km até a Estação Rodoviária do Tiete, em São Paulo para vender mandioca. O jeito rústico dos vendedores, o carrinho de mão, a vistosidade da mandioca bem arrumada e recém cortada, sugere que a mesma foi plantada e colhida por ele mesmo e que agora saem para vendê-las; andam sérios e silenciosos; param apenas em uma ou outra casa e chamam “o moço” ou “o dona”, geralmente, os que compraram a mandioca na vez anterior e perguntam “vai querer mandioca hoje?”

Na verdade, trata-se de uma grande rede de intermediação de mão de obra, inserida na reprodução do capital como formas de precarização do trabalho, as quais, investigaremos as razões de sua origem e constituição.

A questão do migrante é algo que nos acompanha desde a infância por ser filha de migrantes mineiros, e neste sentido, a recordação do estranho na cidade grande, que sempre nos acompanhou, e que agora revive fortemente em nós na figura do mandioqueiro mineiro empurrando seu carrinho de mão, e ao vê-lo do alto da janela passar, revive em nós a imagem fantasmagórica da nossa difícil chegada na condição de migrante na metrópole paulista no final da década de 1950.

Juntou-se à este fato, a curiosidade em investigar em meio ao crescente desemprego e ao aumento do trabalho informal no tema de trabalho da disciplina Econômica II da Geografia, a informalidade do trabalho na cidade de São Paulo e nossa curiosidade em relação ao conceito de informalidade no mundo do trabalho: trabalho informal? subemprego? desemprego oculto? Tais inquietações se mantiveram presentes ao longo do nosso período na pós-graduação.

Após a observação dos vendedores de mandioca em carrinho de mão nas ruas da cidade de São Paulo, surgiu essa nossa preocupação específica com esses trabalhadores informais. Começamos, assim, nossa observação no relacionamento direto

que tínhamos com eles ao bater à nossa porta para nos oferecer mandioca ou observando da janela ele passar silencioso empunhando seu carrinho de mandioca.

Quando começamos a comprar mandioca desses vendedores informais, na porta de casa, vimos, então, esta possibilidade de investigar o trabalho informal. De início, fomos atraídos à compra da mandioca simplesmente, pela concepção estereotipada que desenhávamos desses sujeitos como se fossem, mesmo, trabalhadores rurais, que plantavam sua roça de mandioca e vinham vender sua produção nas ruas da cidade. Comprávamos a mandioca semanalmente apenas para contribuir com o “pobre mandioqueiro”. No decorrer dessas observações, soubemos por meio de conversas com o mandioqueiro de nome José que aquela mandioca vinha do bairro Rio Pequeno e mais tarde soubemos que ela provinha do sítio da região de Campinas. Foi então, na conversa com os mandioqueiros que descobrimos que se tratava de migrantes temporários, residentes em alojamentos no Cangaíba, zona leste de São Paulo.

A investigação foi se delineando em torno dos mandioqueiros migrantes mineiros que apresentam uma especificidade na forma de organização da venda de mandioca porta em porta, ou seja, o alojamento de parentes. A observação de campo no Cangaíba forneceu indícios da localização dos alojamentos. Para saber onde os mandioqueiros se alojam, bastou olhar para o chão da frente das casas da Rua Demétrio Levides. Ali, na rua da casa a terra tem a cor marrom acinzentada. A terra vermelha que colore todo o calçamento da frente de suas casas denuncia a localização dos alojamentos. O colorido do chão vem da terra da mandioca que é lavada diariamente na frente dessas casas que servem de alojamento para esses trabalhadores migrantes. A forma de arregimentação de turma para venda de mandioca quando, o parente viaja para o norte de Minas e retorna com tios, primos, sobrinhos, afilhados para trabalhar na turma de venda de mandioca porta em porta. Investigamos a prática desses mandioqueiros migrantes mineiros baseados no estudo empírico de tipo qualitativo conduzido, entre, 2004 e 2010, em alojamentos localizados na Rua Demétrio Levides, no Distrito do Cangaíba na periferia da Zona Leste da metrópole paulista. Nossa investigação seguiu a metodologia utilizada por MOTT que ao realizar sua pesquisa de campo com vendedores ambulantes das ruas de Recife, abordava-os no momento da compra de seus produtos. Baseados em Mott nesse trabalho também realizamos as entrevistas aos mandioqueiros no momento da compra da mandioca.

Este estudo, cujo conjunto de procedimentos consistiu nos contatos com os mandioqueiros para reunir dados para demonstração dos objetivos da pesquisa e

comprobatórios das práticas desses trabalhadores no seu alojamento, na rua e da rede de relações que conforma a existência dos pontos de venda de mandioca na forma de alojamento de parentes migrantes mineiros na Rua Demétrio Levides.

Para facilitar o acesso ao alojamento nos valemos da companhia de colegas pesquisadores com os quais realizamos visitas para entrevistas e solicitação de autorização para fotografarmos o material de trabalho desses vendedores de mandioca no alojamento.

Quanto aos sujeitos entrevistados, foi uma escolha intencional e fomos realizando as entrevistas até que as respostas tornaram-se repetitivas. Realizamos as entrevistas até que as respostas passaram a convergir para as mesmas informações, ou seja, convergiam para confirmar as informações que já tínhamos. Fazíamos a mesma pergunta para diferentes vendedores de mandioca em carrinho de mão sempre no momento da compra da mandioca. Por vezes comprávamos mandioca várias vezes no dia à medida que cruzávamos com um mandioqueiro que ainda não tínhamos entrevistado e repetíamos sempre as mesmas perguntas. As entrevistas com mandioqueiros nas ruas foram realizadas ocasionalmente no momento da compra de mandioca.

Nosso processo de aproximação com os mandioqueiros que passam nas ruas empurrando carrinho de mão envolveu muita dificuldade para entrevistá-los. Era difícil que os mandioqueiros falassem e, quando falavam, não entendíamos porque eles falavam tão pouco. Nossa única forma de quebrar o silêncio era comprar mandioca e perguntar coisas acerca da mandioca que estávamos comprando. Esse processo de aproximação, com os mandioqueiros foi lento, todavia observamos que isso favoreceu o aumento da relação de confiança na nossa conversa com eles. O uso desse instrumental de pesquisa foi possível pelo estabelecimento dessa relação de confiança com alguns deles que é fundamental para a realização da pesquisa qualitativa.

Todavia como se trata do trabalho em um universo totalmente masculino, esse recurso metodológico de observação do objeto ficou prejudicado na medida que não pudemos explorar mais detalhadamente as relações de trabalho e parentesco desses vendedores de mandioca no seu cotidiano.

Então percebemos que o trabalho de campo por meio de uma observação e descrição sistemática dos três alojamentos de migrantes mineiros existente na Rua Demétrio Levides dariam alguns aportes para compreendermos melhor nosso objeto de

estudo. Esse recurso metodológico na pesquisa de campo, no entanto, apresentou outras dificuldades.

Nos contatos com os mandioqueiros durante a compra da mandioca na porta de casa dirigíamos a conversa afim de que eles falassem da sua rotina de trabalho, família e escola. Relatamos essas conversas e observações no diário de campo que constitui a principal fonte de informação sobre a realidade dos trabalhadores vendedores de mandioca para este trabalho. Realizamos algumas entrevistas semi-estruturadas com pedidores de mandioca e outros integrantes da rede de venda de mandioca no Cangaíba e mandioqueiros nos alojamentos (pontos de venda de mandioca). O termo “pedidor de mandioca” é o modo como se chama o intermediador que pede ao distribuidor as caixas de mandioca para serem vendidas. Apenas um dentre os alojados é o pedidor de mandioca.

A pesquisa qualitativa, que é a base desta investigação nos revelou por meio desses depoimentos e entrevistas que esses mandioqueiros se articulam numa rede de relacionamentos entre parentes e conterrâneos formando uma complexa rede de migração de mão de obra caipira para trabalhar na metrópole paulista.

Deste modo, buscamos desvendar o conteúdo da forma de inserção dos trabalhadores migrantes mineiros na metrópole por meio da solidariedade estruturada nas relações de parentesco e suas contradições. Não foi nossa pretensão, entretanto, explicar as estruturas de parentesco em si mesmas. Limitamos a sua abordagem, no que foi pertinentes a explicação das contradições, dessa solidariedade estruturada por relações de parentesco, na estruturação da atividade informal, e seu papel na subsunção do trabalho familiar à lógica da reprodução do capital e da reprodução da precariedade do trabalho.

O capitalismo ao se reproduzir recria formas não capitalistas de trabalho e as subsumem à lógica do capital. É recorrente entre os pesquisadores que tratam das mudanças no mercado de trabalho a partir dos anos de 1990, a abordagem das estatísticas de crescimento do trabalho informal. Autores tais como Prandi e Cacciamali o vêm como sendo intersticial, residual, que se realiza nas brechas dos espaços do capital. E justificam isso principalmente dizendo que são atividades pouco capitalizadas. Observamos por outro lado, que comumente esses trabalhadores, tal como os trabalhadores formais, são donos apenas da sua força de trabalho.

Os anos 1990 do século passado foram marcados pela ocorrência de significativas mudanças estruturais em uma série de variáveis relacionadas ao mercado

de trabalho, no Brasil. Isso resulta na elevação da taxa de desemprego aberto, acompanhada do aumento do tempo médio de procura por trabalho, redução da parcela de empregados com contrato formal de trabalho, elevação da informalidade no trabalho, com o aumento do trabalho por conta própria e dos assalariados sem carteira assinada. Houve, portanto, uma mudança no perfil das relações de trabalho e do processo produtivo. Mudanças essas, marcadas pelo rompimento do paradigma do mundo do trabalho, centrado na perspectiva do regime de acumulação taylorista fordista; que exigia dos seus trabalhadores, apenas a escolarização básica. E pela emergência de inovações tecnológicas e alterações no processo produtivo, que passam a exigir desses trabalhadores um conjunto de saber mais elaborado. O que resulta, por sua vez, na exigência de aumento da escolaridade e a formação de um novo perfil de qualificação profissional desse trabalhador. Perfil este marcado de um lado, por uma exigência das empresas de aumento da escolaridade do trabalhador visando a formação de um trabalhador polivalente em oposição ao trabalhador específico do processo produtivo taylorista fordista.

Os anos de 1990 foram palco central das mudanças nas formas de procurar trabalho e também de um crescente mercado de intermediações para conseguir trabalho na RMSP onde o encolhimento dos postos de trabalho provoca filas gigantescas, formadas por demandantes de trabalho, tornando opacos os meios de que dispunham as empresas para selecionar demandantes de trabalho na porta da empresa.

Neste sentido, entendemos que o vendedor de mandioca no carrinho de mão é expressão dessa organização de tomadores de serviço para o mercado de intermediação na RMSP.

Os dados indicam que na metrópole está cada vez mais difícil conseguir um posto de trabalho digno, tal como entende a OIT - produtivo e com registro em carteira. Essa situação explica, em certa medida a presença dos trabalhadores na venda de mandioca porta em porta no carrinho de mão.

Segundo IBGE em 2003 no Brasil os índices de trabalhadores informais estavam em 50% da PEA. O IBGE mede a elevação dos índices de informalidade do trabalho por meio de sua pesquisa denominada *Ecinf-Economia Informal Urbana*¹ e seus dados de 2003 apontavam uma crescente elevação da informalidade do trabalho no Brasil. O crescimento do trabalho informal é uma tendência? Esse dado nos fez pensar

¹ Ecinf-Economia Informal Urbana, 2003. Publicada no jornal DCI-SP de 14.06.2007.

na questão do trabalho como única mercadoria que quando consumida produz valor. A Ecinf é uma pesquisa urbana e realizada apenas nas regiões metropolitanas. O trabalho informal ganhou grande expressividade, nas regiões metropolitanas, onde o trabalho formal havia atingido anteriormente os mais elevados índices, devido ao fato de que estas concentravam a grande maioria das empresas do país. Assim, a Ecinf mede não apenas o crescimento da informalidade do trabalho, mas o desmonte dessa conquista de organização do trabalho nos grandes aglomerado urbanos do Brasil, onde a luta pela dignidade do trabalho foi mais sangrenta.

A Ecinf concentra suas pesquisas nas regiões metropolitanas, talvez porque nas outras regiões do país o trabalho formal não era predominante.

Os migrantes mineiros, vendedores de mandioca em carrinho de mão são trabalhadores informais? O trabalho na venda de mandioca em carrinho de mão é trabalho produtivo? Caberiam na definição da CUT e da OIT sobre trabalho decente?

O trabalho informal conforme a Ecinf, abriga uma vasta heterogeneidade de atividades, mas o comércio, serviços de reparação, diversão, pessoal e domiciliar, a construção civil e a indústria de transformação, confecção e artesanato são os seus principais ramos de concentração. E a grande maioria das empresas ou empreendimentos informais, recenseados pela Ecinf estavam localizados na residência dos seus donos, nas casas dos clientes e nos logradouros públicos. A minoria deles possuía estabelecimentos específicos para o desenvolvimento de suas atividades e disseram funcionar durante o ano inteiro.

A Ecinf levantou ainda que mais da metade dos pesquisados não possuíam qualquer tipo de licença estadual para o exercício de suas atividades. E que essas empresas informais pertenciam aos trabalhadores por conta própria, fato que ressalta a importância desse grupo para a compreensão do trabalho informal. A pesquisa do IBGE também demonstra a distribuição regional dos trabalhadores do setor informal. E destaca de modo especial, a Região Sudeste que, além de apresentar a maior concentração de trabalhadores, acumula metade das atividades informais.

Um estudo sobre trabalhadores migrantes mineiros em Jaboticabal, (THOMÁZ JUNIOR: 1983), diz que eles migram forçados pela ausência de condições de sobrevivência nos seus locais de origem. A atividade de sobrevivência na metrópole na condição de vendedores de mandioca em carrinho de mão de porta em porta, se encaixa na denominação de migração forçada?

Relata Thomaz Junior, nas Resoluções do I Encontro dos Migrantes do Alto-Médio Jequitinhonha, que a Região do Alto-Médio Jequitinhonha mesmo em tempos normais é uma região miserável, onde a falta de condições de vida e de trabalho faz com que, anualmente, milhares de trabalhadores abandonem suas famílias em busca do ganha-pão, em São Paulo e outras regiões, principalmente no período da entressafra.

Situamos esta investigação nas abordagens processuais do mundo do trabalho, em que os estudos geográficos de Thomaz Jr. podem ser apontados como uma referência. Thomaz Junior em seu manifesto *Por uma Geografia do Trabalho* destaca algumas questões de cunho metodológico e epistemológico, centrado na tentativa de compreender a geografia do trabalho sob a razão ontológica do ser social com o propósito de participar de um debate que julga imprescindível para a geografia e requer nossa atenção para as categorias e o universo conceitual próprio da geografia.

Na busca de respostas a questões sobre a problemática da informalização e precarização dessa atividade no espaço metropolitano, este estudo pretendeu identificar o perfil desse trabalhador informal na venda de mandioca em carrinho de mão nas ruas de São Paulo, por meio da investigação teórica e da abordagem qualitativa das experiências desses trabalhadores. A abordagem, entretanto, limitou-se à perspectiva das suas condições e forma de inserção na metrópole paulista e das suas atividades profissionais nas ruas de São Paulo, enfatizando o papel de suas redes de solidariedade estruturadas por relações de parentesco, e suas contradições e conflito enquanto mediação da atividade informal.

Foram utilizadas para estudo de caso as casas da Rua Demétrio Levides, usadas como alojamento por esses trabalhadores. Estes trabalhadores na venda de mandioca porta em porta em carrinho de mão nas ruas da metrópole paulista se articulam predominantemente por meio de uma rede de relações de parentesco de maneira que o tio que veio primeiro a convite do cunhado, convida o irmão, que convida o sobrinho e assim vai se articulando essa rede por meio de relações de parentesco.

Balizamos nossa investigação nos trabalhos, que tratam de migrantes ocupados em trabalho informal em grandes centros urbanos. O fato, de poucos trabalhos, acadêmicos, ter tratado desse assunto de modo específico, nos colocou diante de uma dificuldade a mais, seja para precisarmos melhor nosso recorte espaço-temporal e o desenvolvimento da investigação.

Por outro lado podemos destacar o ponto de partida de Gaudemar na consideração da migração como mobilização do trabalho, compreendida sempre como mobilização forçada. Segundo ele a mobilização do trabalho definida pelas práticas reprodutivas de um determinado grupo social em face de seu ambiente, ou seja, do seu modo de vida podem ser qualificadas como práticas individuais em oposição ao grupo social, já que a divisão das tarefas é definida pela cultura do próprio grupo. Desta perspectiva, cada prática reprodutiva só poderá ser adequadamente entendida, tendo em vista a organização cultural do próprio grupo.

Por fim, dividimos este trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo busca compreender a vida do migrante mineiro vendedor de mandioca no carrinho de mão porta em porta na Metrópole paulista.

A organização do alojamento na periferia, as contradições entre a solidariedade baseada nas relações de parentesco e as condições precárias de trabalho na venda da mandioca.

O segundo capítulo busca compreender a rede de intermediação que envolve a trajetória da mandioca, desde a região onde é colhida, até a distribuição nos alojamentos ou pontos de venda de mandioca da Rua Demétrio Levides. Apresenta o entrelaçamento na intermediação da mandioca desde a origem até as empresas distribuidoras, a CEAGESP e a rede de migrantes mineiros.

O terceiro capítulo trata da origem do mandioqueiro examinando as contradições da população do norte de Minas e os conflitos entre os pequenos proprietários plantadores de cultura de subsistência e os plantadores de eucalipto, cujo avanço encurrala as pequenas propriedades. Apresenta também arregimentação dos migrantes, suas idas e vindas entre seu local de origem e a metrópole paulista, os pontos de encontro na metrópole e o transporte que constituíram a rede da venda de mandioca na metrópole, fundada no trabalho informal.

CAPÍTULO I

O MIGRANTE MINEIRO VENDEDOR DE MANDIOCA EM CARRINHO DE MÃO PORTA EM PORTA NAS RUAS DA METROPOLE PAULISTA.

As questões iniciais desta pesquisa giraram em torno da observação de um fato inusitado: o carrinho de mão de pedreiro costumeiramente usado na construção civil, agora transportando um produto alimentar, ou seja, a mandioca e por vezes banana. Muitas perguntas fazíamos cada vez que víamos algum mandioqueiro passar pelas ruas de Engenheiro Goulart, onde residimos, ou em outros cantos da metrópole de São Paulo.

A figura do mandioqueiro empurrando seu carrinho de ferro galvanizado abastecido com vistosas mandiocas tornou-se parte integrante da paisagem da cidade. Eles são vistos circulando pelas ruas nos meses de fevereiro a meados de agosto, nos mais variados bairros, nas periferias e nas áreas centrais.

Segundo Silva e Chabaribery: 2005, 85% da mandioca produzida no Estado de São Paulo não passa pelos Centros de Abastecimento, tais como CEAGESP - Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo e grande parte é comercializada na venda porta em porta em centros urbanos.

Porque vender mandioca de porta em porta se tem feira, hipermercado, CEAGESP? Como se vende mandioca? Qual é o percurso? Como é a intermediação na venda da mandioca? Foram essas indagações iniciais que nos levaram a pesquisar a vida dos mandioqueiros.

Para responder essas e outras indagações fomos a campo acompanhar e conversar sistematicamente durante dois anos com os mandioqueiros que passavam pelas ruas empurrando seu carrinho de mão. Constatamos que são originários de Taiobeiras em Minas Gerais e se deslocam sazonalmente em grupos para vender o produto na metrópole paulista e para isso, residem em alojamento na periferia. Com o intuito de desvelar as questões da pesquisa buscamos identificar os fios das relações entre os sujeitos da rede de relacionamento e suas razões.

A vida do migrante mineiro vendedor de mandioca na Metrópole paulista é repleta de contradições na estruturação de suas relações de parentesco nos alojamentos na forma de pontos de venda de mandioca.

A venda da mandioca envolve o vendedor de mandioca, a organização do alojamento e a distribuição da mandioca da roça para os alojamentos. Os trabalhadores migrantes mineiros pernoitam nos alojamentos de onde saem de carrinhos de mão. Arrumam as mandiocas no carrinho dando vistosidade à mercadoria descascando-as na hora para agregar valor ao produto, engendrando, assim, no negócio o conteúdo simbólico de venda de produtos sempre frescos e de melhor qualidade do que aqueles comercializados na feira-livre ou nos supermercados.

1.1. A venda de mandioca nas ruas da metrópole paulista.

A venda da mandioca é feita de porta em porta pelos mandioqueiros que recebem o produto direto da roça para os alojamentos ou pontos de venda. Entretanto, sua venda é cercada de um grande número de intermediários, tais como o distribuidor, o fornecedor, o pedidor de mandioca e o dono das ferramentas no alojamento.

Os migrantes mineiros, em cada alojamento ou ponto de venda de mandioca também se constituem numa equipe de venda, comandada pelo pedidor de mandioca. O pedidor de mandioca de cada alojamento controla a quantidade de caixas de mandioca vendidas, a turma de trabalhadores do ponto de venda e a meta de quantidades mínimas de caixas de mandioca vendida.

O abastecimento da mandioca, nos alojamentos na Rua Demétrio Levides, é feito por um único mandioqueiro das três casas: o pedidor de mandioca. É só ele que liga para o dono do caminhão e faz os pedidos. No alojamento da Rua Demétrio Levides, a quantidade mínima de caixas de mandioca que o intermediador que dirige a carreta, que traz a mandioca, direto da roça para o alojamento, exige para entrega é dez caixas. O alojamento então se organiza em quantidade de vendedores para bater a meta.

Estivemos no alojamento que têm a maior quantidade de mandioqueiros. Chamaremos de alojamento 1, este que fica na Rua Demétrio Levides, nos fundos do mercadinho do Maciel, do qual falaremos mais adiante, para ver como era a organização dos mandioqueiros na saída para a venda da mandioca e os percursos de venda.

Na primeira visita ao alojamento 1; que é o maior da Rua Demétrio Levides, procuramos o Senhor Manoel indicado pelo mandioqueiro José como sendo o dono das

ferramentas de trabalho. Ele prontamente atendeu nosso pedido para entrarmos no alojamento e tirarmos algumas fotos.

Eles utilizam também um terreno baldio ao lado, de aproximadamente cinco por trinta metros quadrados para depositar as caixas plásticas de mandioca, lavar e arrumar os carrinhos de mandioca, e a medida em que vão ficando prontos, vão sendo colocados enfileirados uns ao lado do outro no terreno e os que não couberem vão sendo enfileirados na beira da calçada. O Senhor Manoel, nos deixou fotografar suas atividades de início do dia trabalho, ou seja, a arrumação e saída dos carrinhos de mandioca para a venda nas ruas. Ver Foto 1.

Foto 1- O início do dia de trabalho no alojamento 1

Os carrinhos cheios de mandiocas arrumados aguardando o dono dos carrinhos dar ordem para iniciarem o trabalho.

Enquanto fotografávamos aproveitamos para fazer algumas perguntas, tanto para o Senhor Manoel, quanto para os mandioqueiros. Assim, pudemos constatar e documentar com algumas fotos a arrumação dos carrinhos e a saída dos mandioqueiros para o trabalho. Os mandioqueiros saem à ordem do Manoel com um grito dirigido a todos mandioqueiros:

“___Eiha! Vamos.”

Os mandioqueiros vão saindo do terreno e acompanhados do olhar do pedidor de mandioca (o Senhor Ilton), vão saindo em turma no trajeto da Rua Demétrio Levides, num ritual que se assemelha à saída dos roceiros para o eito, no trabalho de roça das antigas fazendas e depois vão se dispersando e seguindo o rumo a diferentes áreas. A venda da mandioca é realizada costumeiramente de terça a domingo. O trabalho da venda de mandioca começa na parte da manhã na hora que o tempo se afirma, dizem os mandioqueiros. A hora que o tempo se afirma é o momento que o mandioqueiro observa o tempo e acredita que não vai chover.

Existe o horário ideal para sair para a venda de mandioca nas ruas e também o dia mais propício para a venda que é o sábado. É recorrente no discurso dos mandioqueiros que o sábado é o melhor dia para venda de mandioca. No sábado, os vendedores saem para a venda como de costume por volta das nove da manhã, e por volta do meio dia, já começam a retornar com o carrinho vazio; ou seja, com toda mandioca vendida. Fizemos também contato com mandioqueiros atuantes em outras áreas da cidade que foram valiosos para o surgimento de questões a serem pesquisadas.

A venda da mandioca não ocorre o ano inteiro. Os mandioqueiros dizem que só vendem mandioca na metrópole no período no qual a mandioca “está cozinhando”

“A gente vende (mandioca) quando está cozinhando. Quando ela não tá cozinhando eu volto para Taiobeiras e faço outra coisa (...) eu planto milho, vendo picolé” [...] “Porque quando não é tempo de cozinhar, ela fica dura. Nossa mandioca, nós só vende quando ela tá cozinhando e nossos fregueses já sabem que nós só vende coisa boa. Por isso que eu já to há dez anos nesse negócio. Chega o tempo de vender eu venho pra cá e já tenho as casa certa de vender, porque todo mundo compra sem medo.” (mandioqueiro 1)

Quando a mandioca não está cozinhando o mandioqueiro retorna para seu local de origem. No mês das águas, como dizem os migrantes mineiros, eles retornam para seu local de origem para plantar suas roças de subsistência.

Os mandioqueiros vendem outros produtos junto com a mandioca no carrinho. Em geral vendem banana. Mas observamos que quando não abastecem metade do carrinho com banana levam milho verde, batata doce e queijo coalho.

Se o tempo está firme ele vai para as ruas, vender mandioca. Se o tempo não está firme o mandioqueiro, então fica no alojamento ou ponto de venda de mandioca

cuidando da mandioca para que não se estrague (hidrata no galão ou descasca e armazena na geladeira).

Em algumas manhãs, fomos à Rua Demétrio Levides observar o trabalho de lavagem e arrumação da mandioca nos carrinhos e sempre comprávamos algumas. Essa organização do carrinho segundo Rosas (ROSAS: 2006) é uma maneira de chamar a atenção sobre o produto, disse Rosas se referindo à venda de abacaxi em carrinho de mão nas ruas do Catete no centro do Rio de Janeiro.

O costume dos mandioqueiros de cortar a ponta da mandioca e arrumá-las enfileiradas com sua parte cortada para frente do carrinho é para o comprador examinar o produto. É costume examinar a mandioca, quebrando a raiz ao meio. Ao cortar a ponta da mandioca, os migrantes mineiros vendedores de mandioca antecipam essa ação para mostrar ao comprador a boa qualidade da mandioca, que olhada da frente do carrinho já são examinadas no todo. E a vistosidade da frente do carrinho com todas as mandiocas com a ponta cortada e o branco da mandioca exposto em conjunto virado para frente do carrinho é em si um convite para a compra dessas mandiocas. A forma de arrumação do carrinho é em si a propaganda de venda da mandioca e esta forma de arrumação se transforma num ritual.

Numa dessas manhãs tínhamos chegado mais uma vez em frente ao alojamento 1 da Rua Demétrio Levides com a finalidade de comprar mandioca e observar a atividade dos mandioqueiros na preparação da mandioca e dos carrinhos e a saída destes para a venda das mesmas nas ruas. Estávamos ali, aguardando que algum mandioqueiro aparecesse e de repente em poucos minutos, o mandioqueiro vem de dentro do alojamento por um longo e estreito corredor com sua balança.

Pedimos para comprar mandioca. O mandioqueiro então ajeitou sua balança para pesagem da mandioca. A balança tem a forma de uma bacia de alumínio côncava com três correntes presas em forma de triângulo, em uma única argola que une as três correntes. Por meio da argola as correntes são presas no gancho que corre na barra numerada da balança até encontrar o equilíbrio. A busca do equilíbrio da balança é o peso. Pela argola que é a alça da balança, o mandioqueiro segura a balança, corre ela manualmente presa nas correntes na barra numerada e vai colocando mandioca no prato da balança até que ela se equilibre com o peso colocado na barra numerada.

O mandioqueiro pesou a quantidade que pedimos e ainda durante o momento da pesagem perguntei quanto tinha pesado e este então disse que tinha dado um quilo bem pesado e vendo a nota de dois reais que eu tinha na mão, me perguntou se

eu desejava completar os dois reais. Um quilo bem pesado significa que passou um pouco de um quilo, mas que ele vai gratificar o freguês com aquela diferença a mais no peso da mandioca.

O mandioqueiro iniciante no ofício leva sempre uma quantidade menor de mandioca no carrinho e vai aumentando à medida que faz sua freguesia. Deste modo ele não precisa fazer um trajeto longo para vender a quantidade de mandioca transportada. É portanto, com o aumento da quantidade de mandioca que o trajeto se alonga para cumprir a meta de venda.

O trajeto deste, muitas vezes visa abastecer a freguesia iniciada por algum mandioqueiro que desistiu do serviço e retornam para Taiobeiras, no norte de Minas, porque não se acostumaram com o serviço de vender mandioca e nem com a vida metropolitana. O serviço de vender mandioca não é nada fácil e há uma grande mobilidade de mandioqueiros que chegam e retornam à Taiobeiras. Dentre as dificuldades de permanecer no trabalho de vender mandioca, a principal parece ser empurrar o carrinho. É recorrente nos discursos dos mandioqueiros, por nós entrevistados, o enaltecimento de sua própria força física, por ser da roça, em detrimento da força física dos paulistas “...pessoal aqui de São Paulo num” guenta “isso aqui não”.

A dificuldade de vender a mandioca, entretanto não é só empurrar o peso do carrinho. Outro dia, que já passavam das cinco da tarde, avistamos o carrinho do vendedor de mandioca com apenas três mandiocas. O mandioqueiro, com presumidamente quarenta e poucos anos, sem alguns dentes frontais, tinha um carrinho que ostentava suas cores metálicas, indicando seu pouco tempo de uso. Nesse dia arrematamos a mandioca por dois reais e perguntamos quantos quilos vende por dia.

_ “Quanto tem aí de mandioca?”.

_ Já peso, já. um quilo e trezentas. Vai? Dois reais. Tá bom?

_ Pode ser. Assim você não leva nada pra casa. Quantos quilos você _vende por dia?

_ “quarenta a quarenta e cinco quilos. Esse serviço não tem nada certo não. Tem dia que ta bom; aí duas e meia à gente já vendeu tudo. Hoje é essa hora que eu to voltando. Mas sempre vendo.” (mandioqueiro Francisco)

O mandioqueiro muitas vezes empurra o carrinho das nove as cinco, às vezes até seis horas da tarde para conseguir vender a quantidade de mandioca suficiente para pagar o fornecedor. O mandioqueiro José nos disse, por exemplo, que quando vende toda a caixa de mandioca consegue ganhar aproximadamente quarenta reais e que

desses quarenta reais ele desconta os gastos com lanche e almoço e reserva os vinte e cinco reais do fornecedor da mandioca e retorna para casa muitas vezes sem nada. Então, dessa maneira quando o mandioqueiro, não vende toda a mandioca fica comprometida até mesmo a reprodução da sua existência.

O que vimos no relato do mandioqueiro José é que o dinheiro do fornecedor de caixas de mandioca é o primeiro a ser separado pelos mandioqueiros; uma vez que, eles têm que pagar a caixa de mandioca que vendeu no dia para pegar fiado a caixa de mandioca que irá vender no dia seguinte.

Assim, acreditamos, que a atividade do mandioqueiro está plenamente inserida na lógica de reprodução capitalista. O mandioqueiro, apesar de não plantar mandioca sai para vendê-la nas ruas. Este migrante, mandioqueiro é a ponta de uma rede de produção e distribuição capitalista da mandioca, desde o roçado até o domicílio do consumidor.

O mandioqueiro também tem seu dia de folga. Tanto quanto os mercados municipais e as feiras livres não funcionam na segunda-feira, na cidade de São Paulo, os mandioqueiros, por sua parte também não saem para as ruas para vender. Na segunda-feira, é dia de descanso do trabalho de vender mandioca nas ruas. Nesse dia em geral o mandioqueiro faz uma limpeza no alojamento: lava os galões de armazenar mandioca hidratada, lava as balanças de alumínio usadas para pesar a mandioca vendida aos quilos nas ruas e limpa o alojamento. Após essas tarefas alguns mandioqueiros, se juntam na Praça Viviane Dias e dali seguem para o Parque Ecológico do Tietê para sua tradicional partida de futebol. No Parque Ecológico, têm 17 campos de futebol.

Alguns mandioqueiros mais velhos também participam da brincadeira descontraídos. Outros, ficam no alojamento e alguns vão ao pequeno bar próximo dos alojamentos da Rua Demétrio Levides. E outros ainda, ficam conversando acorados em frente ao mercadinho do Senhor Maciel. O Senhor Maciel (aluga quartos em forma de alojamentos) para os mandioqueiros como em geral se autodenominam.

Nas segundas-feiras é também o dia do pedidor de mandioca contabilizar a produtividade do ponto de venda de mandioca. Numa das segundas-feiras, dia em que os mandioqueiros não saem para vender mandioca nas ruas, circulamos de carro na rua entre oito e meia da manhã e nove horas por três voltas para observar o movimento.

Diferentemente dos outros dias da semana, a Rua Demétrio Levides está vazia. Não tem nenhum carrinho em frente aos alojamentos. Em frente ao alojamento que se localiza, na metade da rua, tem três caixas cheias de lixo de descartes de

mandioca deteriorada aguardando o coletor de lixo que passa às terças-feiras, pela manhã, nesta rua. Mais abaixo, em frente ao mercadinho do Senhor Maciel nos fundos do qual existem cômodos que servem de alojamento para mandioqueiro, está sentado o Senhor Ilton o pedidor de mandioca daquele alojamento.

Perguntamos ao Senhor Ilton se para entregar mandioca ali para ele, o fornecedor exige quantidade mínima de quilos de mandioca vendida ou quantidade mínima de vendedores e ele sem titubear respondeu: os dois.

Essas informações trouxeram uma novidade à investigação. O Ponto de Venda necessita tanto ter uma quantidade mínima de vendedores de mandioca, tanto quanto, vender uma quantidade mínima de mandioca. Deste modo então, vimos que cada mandioqueiro pede somente a quantidade de mandioca que é capaz de vender diariamente.

Entretanto, ele tem que corresponder à meta de venda do seu ponto de venda ou alojamento, a exemplo das grandes empresas quando organizam equipes de venda, onde cada um tem uma meta individual a ser cumprida. Assim o chefe de cada mandioqueiro exige que se cumpra a cota mínima de mandioca que se tem que vender diariamente para atingir a meta da equipe ou ponto de venda de mandioca. Fato este que revela o distanciamento entre a realidade dilaceradora do trabalho do mandioqueiro em oposição ao cenário do “pobre mandioqueiro” empurrando seu carrinho de mão cheio de mandiocas frescas e recém colhidas por ele mesmo e que agora sai para vendê-la de porta em porta.

O trabalho é estafante e exige do mandioqueiro o empenho pessoal de aumentar mais e mais a sua capacidade de venda.

Aumentar a capacidade de venda é o motor que move o ideal de sucesso dos mandioqueiros. Os mandioqueiros mais velhos às vezes empurram no carrinho cerca de oitenta quilos de mandioca quantia esta que corresponde a aproximadamente três caixas de mandioca.

Entretanto os depoimentos dos mandioqueiros indicam que muitos deles ainda esperam encontrar outro tipo de trabalho mais certo na Metrópole paulista. Como eles dizem:

“Trabalho ni firma é uma coisa mais certa. Nesse trabalho aqui num tem nada de certo não. É que se a gente tivesse um serviço certo, assim entrar naquele horário e sair naquele horário aí sim. (mandioqueiro José)

Os mandioqueiros à medida que aumentam sua freguesia tentam tornarem-se fornecedores de mandioca para bares, padarias, restaurantes. O mandioqueiro José certa vez estava tirando sua carteira de motorista. Então, perguntamos para ele se pretendia comprar um veículo para entregar mandioca e sua resposta foi que não precisava veículo para entregar mandioca e que o Senhor Ilton carregava oitenta quilos de mandioca no carrinho de mão para fornecimento na “Arena Sertaneja²”. Então, do ponto de vista do mandioqueiro José aumentar o fornecimento é o motor da mobilidade no trabalho, de venda de mandioca. O mandioqueiro José tem hoje (junho de 2010) vinte anos de idade e seis anos de trabalho na venda de mandioca porta em porta. Em outra data José mandioqueiro mostrou seu carrinho abastecido com bastante mandioca, e nos disse com tom de voz entusiasmada, que estava transportando setenta quilos de mandioca.

Neste período de seis anos de venda de mandioca, o José tentou sair dessa atividade durante quase um ano e foi trabalhar numa transportadora. O mandioqueiro José, durante meses, não passou mais na rua vendendo mandioca. Ficamos sabendo que o José tinha ido trabalhar na transportadora por meio de outro mandioqueiro do mesmo alojamento. Soubemos que ele havia abandonado o trabalho de vender mandioca e estava trabalhando em uma firma, num dia, em frente de casa, nove e meia da manhã quando um mandioqueiro magro e franzino desceu a rua onde moramos, empurrando um carrinho de mão com mandioca até a metade do carrinho e a outra parte do carrinho estava vazia. Perguntamos para o mandioqueiro se ele conhecia o José que vendia mandioca antes dele naquela rua e foi então que esse mandioqueiro nos disse que o José estava no Rio de Janeiro trabalhando numa transportadora.

Ele então me disse que ia continuar descendo a rua denotando ter um trajeto rotineiro que visava cumprir para a venda da mandioca e que era o mesmo que o mandioqueiro José fazia. Ou seja, se um mandioqueiro desiste do trabalho o outro que entra deverá fazer exatamente o trajeto que o anterior fazia para continuar dando assistência à freguesia dos compradores de mandioca do mandioqueiro anterior que desistiu do trabalho.

A idade dos vendedores de mandioca varia de 13 a 22 anos em média. Sendo a grande concentração deles na faixa entre 15 e 17 anos de idade, havendo também uma alta rotatividade de permanência no trabalho na venda de mandioca e no

² Casa de diversão noturna localizada na Avenida Doutor Assis Ribeiro na região de Ermelino Matarazzo.

alojamento por parte destes mandioqueiros. É principalmente entre os dessa faixa etária, os que mais desistem desse trabalho de vender mandioca nas ruas e retorna para seu local de origem, tal como ocorreu com o Corino. O Corino é um mandioqueiro de 16 anos de idade que desembarcou do ônibus do Toco (que transporta mandioqueiro do Município de Taiobeiras em Minas Gerais para São Paulo e de São Paulo para o Município de Taiobeiras) em 20 de janeiro e retornou para Taiobeiras em meados de fevereiro. Portanto ficou trabalhando no ponto de venda de mandioca e alojado junto com seus quatro irmãos e um primo, com os quais viera do seu local de origem para a Rua Demétrio Levides, no alojamento por menos de um mês.

O ex-mandioqueiro Corino, retornou para a casa de seus pais na comunidade Fazenda Muzelo na região de Taiobeiras para voltar a viver à custa da aposentadoria recebida por sua mãe. Assim disse o mandioqueiro, José ao se referir ao retorno de Corino, para Taiobeiras: “A mãe dele é aposentada. Ele não precisa agüentar isso não”.

O mandioqueiro José disse que o Corino não precisava agüentar aquilo, referindo-se ao trabalho estafante que é a venda de mandioca, principalmente num dia ruim de venda. Na tarde do dia 25 de março de 2010, aproximadamente quatorze horas, na Avenida Cangaíba vimos um jovem mandioqueiro aparentando menos de dezoito anos, em pé encostado no muro sem ter conseguido ainda terminar de vender sua cota de mandioca.

O mandioqueiro estava parado em frente do muro ao lado do posto de gasolina. Estava bem suado e usava boné na cabeça. Quando encontramos com ele e seu carrinho o cumprimentamos, dizendo-lhe “boa tarde”. Ele fez um gesto silencioso com a cabeça, com o semblante desanimado, oferecendo-nos a venda das seis ou sete mandiocas e três ou quatro batatas doces brancas que estavam entre as cascas de mandioca. Entendemos o gesto, dizendo obrigado e justificamos a nossa recusa da compra alegando ter comprado na parte da manhã “na mão do Alcino” (tio deste mandioqueiro).

Ele entrou com o carrinho no mato do terreno baldio, da Rua São José do Campestre, na esquina com a Rua José da Penha e despejou do carrinho as cascas de mandioca da venda do dia e seguiu com o restante de mandioca e batatas doce na direção da Rua José da Penha, rumo ao movimento comercial e de pessoas em torno do Mercado Chama (farmácia, drogaria, perfumaria e outros pequenos comércios), para vender a pequena sobra de mandioca e batata doce que ainda estava no carrinho.

Em relação ao lixo, não são todos mandioqueiros que o atiram nos terrenos baldios. No mês de março de 2010 quando passávamos em frente ao mercadinho Rodrigues que fica na Praça Viviane Dias, nas proximidades do mercadinho do Sr. Maciel, vimos o caminhão de Coleta de Lixo parado em frente ao terreno onde os mandioqueiros recebem as caixas de mandioca para vender nas ruas e arrumam as mandiocas nos carrinhos. Vimos que o caminhão de coleta de lixo pegava uma a uma as caixas plásticas amarelas cheias de cascas e pontas de mandioca e jogava o lixo dentro do caminhão.

Os mandioqueiros mais velhos e antigos na venda de mandioca que são aqueles que moram nos cômodos dos fundos do mercadinho do Senhor Maciel, não jogam as cascas de mandioca nos terrenos baldios. Depois da venda retornam com as cascas no carrinho; cascas estas, que são armazenadas nas caixas plásticas de transporte de mandioca no terreno e no dia de coleta do lixeiro são descartadas. Embora a mandioca seja comprada por caixa há uma grande perda de quilos por caixa no manejo e preparo da mandioca para venda. Toda vez que a mandioca é arrumada no carrinho o mandioqueiro perde quantidade de mandioca ao cortar a ponta da mandioca deteriorada ou ao descascá-la.

Na rua o mandioqueiro pesa a mandioca com casca e depois descasca para o freguês. No manejo diário no momento de arrumar o carrinho, o mandioqueiro simplesmente corta uma a uma a ponta deteriorada da mandioca e lança no lixo. Ao fazer a conta dos ganhos os mandioqueiros não registram essa perda. O mandioqueiro corta rapidamente uma a uma a ponta da mandioca e lança fora sem nenhuma forma de registro da quantidade de desperdício de mandioca.

1.2. O vendedor de mandioca na metrópole paulista

Os vendedores de mandioca de que trata esta investigação, tal como já dissemos são originários do norte do estado de Minas Gerais e se alojam nos cômodos dos alojamentos da Rua Demétrio Levides.

A vida do migrante mineiro vendedor de mandioca na metrópole paulista é repleta de contradições na estruturação de suas relações de parentesco nos alojamentos ou pontos de venda de mandioca.

Para aprender a vender mandioca o recém chegado no alojamento de migrantes mineiros da Rua Demétrio Levides, acompanha durante dois dias o trajeto de

um mandioqueiro prático em venda de mandioca porta em porta e observa o trajeto e o modo de vender. No terceiro dia ele recebe um carrinho, uma balança, uma faca afiada, um pacote de sacolinhas plásticas velhas de embalagens de mercadoria e está pronto para iniciar o trabalho. E para que não se perca do grupo do alojamento, o mandioqueiro iniciante recebe também o número do celular do pedidor de mandioca do alojamento. Com dois dias de acompanhamento o mandioqueiro está treinado para pegar o seu próprio carrinho no terceiro dia e sair e retornar da venda porta em porta para o alojamento.

O termo mandioqueiro, que usaremos ao longo de todo este trabalho é usado pelos migrantes mineiros vendedores de mandioca, para autodenominar seu trabalho na venda de mandioca na rua. O trabalho do mandioqueiro é organizado, pelo pedidor de mandioca do alojamento. O pedidor de mandioca é aquele que acompanha e administra o dia a dia de venda dos mandioqueiros.

A denominação pedidor de mandioca é a utilizada entre os mandioqueiros do alojamento 1. O Senhor Maciel, proprietário do mercadinho e que aluga os cômodos dos fundos para o alojamento 1, utiliza a denominação “líder” ao se referir ao pedidor de mandioca. A denominação costumeira é a de pedidor de mandioca e não líder como diz o Maciel. No entanto, podemos notar alguma semelhança entre o papel do pedidor de mandioca, no trabalho informal do mandioqueiro e o líder das empresas modernizadas.

No alojamento 1, o pedidor de mandioca é o Senhor Ilton, conhecido também como ‘Tó “ou” mineirinho “. Ele recolhe os pedidos de cada mandioqueiro do alojamento e faz o pedido de abastecimento ao distribuidor de mandioca. O distribuidor de mandioca para o alojamento 1 é o Senhor Orlando. O distribuidor é parte da rede de intermediação da qual trataremos no capítulo 2.

O mandioqueiro, faz seu pedido de mandioca diariamente para o pedidor de mandioca. Cada mandioqueiro deve pedir apenas, a quantidade de mandioca que é capaz de vender no dia. Entretanto, ele tem que corresponder à meta de venda do seu ponto de venda, a exemplo das grandes empresas quando organizam equipes de venda, nas quais, cada um tem uma meta individual a ser cumprida. Assim o líder (pedidor de mandioca) pressiona cada mandioqueiro, para cumprir a meta mínima de mandioca que tem que vender diariamente, para atingir a meta da equipe ou do ponto de venda. O Ilton, (Tó ou mineirinho), pedidor de mandioca do alojamento dos cômodos alugados pelo Maciel nos disse que cada ponto de venda de mandioca tem que ter cota mínima de

venda e de vendedores de mandioca.

Procuramos investigar como os mandioqueiros se percebem como vendedores de mandioca, nas ruas da metrópole e quais são suas queixas e preocupações. A pesquisa revela que os mandioqueiros, menores de trinta anos, querem mudar de profissão. É recorrente em seus discursos, a expectativa de encontrar um trabalho com carteira assinada. Já dentre os mandioqueiros mais velhos é recorrente, o discurso de que com o baixo nível de instrução que possuem, vender mandioca lhes permitem aferir um ganho mensal maior que se estivessem empregados com carteira assinada. E que não pretendem abandonar essa ocupação de mandioqueiro.

O mandioqueiro, nas ruas, veste roupas simples: chinelos de borracha, geralmente os conhecidos “havaianas”. Na cabeça usa um chapéu de aba, feito de pano. A camisa é de manga curta, aberta na frente com fecho de botões e caseada. O tamanho da camisa usado pelo mandioqueiro fica bem colado no corpo dele e seu comprimento passa apenas poucos centímetros abaixo da cintura.

A família dos mandioqueiros, da Rua Demétrio Levides, que permanece no seu local de origem, é composta fundamentalmente por velhos, mulheres e crianças: seus pais, mães, esposas e filhos. Eles ficam no local de origem desses em geral tocando lá a roça de subsistência da família em pequenas propriedades rurais e aguardando o “adjutório” que os mandioqueiros enviam para lá, quando podem.

Foto 2- Principal Rodagem de Muzelo

No primeiro plano crianças indo para a escola e no segundo plano a vista da principal rodagem de Muzelo (local de origem, dos migrantes mineiros, da Rua Demétrio Levides). Crédito: José Valdeni (O mandioqueiro José) no ano de 2009.

Por meio de contatos com esses mandioqueiros mineiros, no seu dia a dia, de vendedores de mandioca ficamos sabendo que o grupamento de mandioqueiros, de cada ponto de venda é formado por proximidade de relações de parentesco. Ou seja, cada alojamento assemelha-se a uma unidade familiar embora composta só de homens (pais, tios, irmãos, primos, padrinhos, afilhados).

Utilizamos a categoria parentesco, no uso que dela é feito pelo mandioqueiro, ao denominar quem são os seus familiares ou parentes no alojamento: pais, filhos, sobrinhos, padrinhos, afilhados, compadres e agregados.

Portanto, o conceito de parente revelado pelo discurso dos mandioqueiros, ultrapassa as aproximações ou afinidades com o conceito de parentesco³ utilizado no direito de família do Código Civil Brasileiro,⁴ ao tratar do direito parental. O Código Civil Brasileiro diz que o parentesco existe por relação de consangüinidade ou por

³ Morgan, Lewis Henry (1818-1881). *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*. First published: in 1877, by MacMillan & Company, London. This edition was printed in USA.

⁴ Negrão, Theotonio; Bandioli, Luis Guilherme Aidar; Gouvêa, José Roberto Ferreira. *Código Civil e Legislação Civil em Vigor*. São Paulo: Ed. Saraiva 2010.

afinidade. Que tanto por consangüinidade, quanto por afinidade, o parentesco se configura na linha reta e na linha colateral. Na linha reta, ele diz que, a relação do parentesco tende ao infinito.

Na linha colateral, e o parentesco vai até o quarto grau e já começa no segundo grau que são os irmãos, passa pelos tios e sobrinhos que são parentes de terceiro grau e vai só até o quarto grau que são os primos. Então, os primos já começam a serem parentes no quarto grau. E daí decorre relações obrigacionais, decorrentes dessa relação de parentesco tais como, aquelas relacionadas ao direito de herança e ao tabu do incesto. No caso dos mandioqueiros eles reverenciam com respeito àqueles que na linha reta estão acima deles tais como os pais e tios são parentes.

Entretanto, nesta investigação trataremos somente do uso da categoria parentesco feito pelo mandioqueiro, independente de eventuais divergências de distinções de parente do mandioqueiro, em relação ao que diz o código civil. O mandioqueiro usa o termo parente em geral como sinônimo de família incluindo padrinhos e mesmo pessoas que foram criadas juntas, independentemente da consangüinidade.

Em relação a questão do parentesco, acrescentamos a ligação com os costumes das populações tradicionais entre as quais predominam o trabalho coletivo, e a ajuda mútua, assunto sobre o qual trataremos no capítulo, e que permanecem como solidariedade entre os mandioqueiros.

Por outro lado, a solidariedade estruturada por relações de parentesco é contraditória entre os vendedores de mandioca. Na metrópole, as contradições dessa solidariedade estruturada por relações de parentesco encontram-se plenamente inscritas na lógica da reprodução do capital por meio da precariedade do trabalho. Portanto, a estruturação das relações de parentesco tem seu papel na subsunção do trabalho familiar à lógica da reprodução do capital.

Um breve episódio evidencia um outro aspecto da relação entre parentes: o de concorrentes. Num dos momentos de compra de mandioca, o mandioqueiro José nos ofereceu mandioca para compra e dissemos que já havíamos comprado de um outro, que estava parado ao lado de uma barraca na ponta da feira. Ele então perguntou quem era o mandioqueiro que estava lá. Dissemos a ele que era um branco, bem magrinho, com sardas no rosto e os olhos bem claros. Ao que o mandioqueiro respondeu: “Ah! É o João. É meu primo. É tudo da família é tudo parente. Está tudo em casa. Pode comprar de qualquer um que é tudo a mesma coisa.”

Respondemos, confirmando e perguntando ao mesmo tempo:

“Então é tudo a mesma coisa, não é?” Porém, na continuidade da conversa o José, mostrou-se contrariado. É somos todos conhecidos “. Ao que retrucamos: “E o dinheiro também é um só, não é?” Diz ele então bastante irritado: “não. Cada um tem sua vida e paga seu aluguel”

A definição de família, revelada pelos mandioqueiro traz a nosso ver elementos do ordenamento familiar do terreiro da fazenda, da ordem da organização senhorial da fazenda, que inclui como seus todos que estão sob o poder do senhorio; ou seja, além da família composta de pais, filhos, tios, primos, avós e netos. O mandioqueiro acresce ao seu grupo de parente o padrinho, o afilhado, os filhos do padrinho ele chama primo, o irmão do padrinho é também tio e sem falar do agregado que ele chama de primo, irmão, tio por terem vivido juntos na mesma casa ou na casa de sua parentela, tal como o agregado nas antigas fazendas.

Acreditamos, que é o predomínio da forma estrutural patriarcal da família, um dos fortes fatores que explica porque é o homem que migra. Na família patriarcal ele é o provedor e, portanto cabe a ele essa tarefa de prover a subsistência dos demais na estrutura familiar.

Todavia, nem sempre o trabalhador migrante, lá no local de destino envia o suprimento, que foi buscar para os seus que ficaram no local de origem. Muitos retornam rapidamente, porque não se adaptaram na cidade. Por outro lado, outros não mais retornam para o local de origem abandonando suas famílias de origem e constituem outra família no local de destino.

As mulheres também migram para acompanhar o marido ou filhos que necessitam de suas presenças, para suportarem a permanência no local de destino. Nos casos encontrados elas não estão entre os migrantes sazonais, como veremos no capítulo 2.

Então, aqui no local de destino, para resistir à incerteza e insegurança do ganho de cada dia, o mandioqueiro recompõe sua idéia de família, com os que partiram com ele para o local de destino na metrópole, mesmo que seja uma família composta por homens apenas: pais, filhos, sobrinhos, afilhados, compadres, cunhados que dividem espaço no alojamento.

As investigações revelam também que estes mandioqueiros mais novos são parentes, dos mandioqueiros mais velhos. Podemos considerar que essa relação familiar serve de justificativa para exploração do trabalho infantil.

1.3. A organização do alojamento

O alojamento é a moradia da turma de mandioqueiros durante sua permanência sazonal em São Paulo. O alojamento funciona também, como ponto de venda da mandioca, o que quer dizer que é o local, onde o fornecedor entrega a mandioca e de onde saem os mandioqueiros para as ruas.

Cada ponto de venda de mandioca deve ter no mínimo vinte mandioqueiros. Essa informação numérica nos foi dada por um migrante mineiro vendedor de mandioca, do ponto de venda localizado no depósito do cruzamento da Avenida Conceição com Rua Maria Cândida na Zona Norte em outra área da cidade. Foi inclusive por meio dos dados dessa fonte, que mudamos nosso olhar antes dirigido apenas para o alojamento familiar e sua aparência de harmonia e de colaboração para a compreensão de que cada alojamento conforma na verdade um ponto de venda de mandioca com logística e regras claras, garantindo o trabalho informal e precário plenamente inserido numa rede de distribuição capitalista na metrópole para a compreensão de que cada alojamento conforma na verdade um ponto de venda de mandioca com logística e regras claras, garantindo o trabalho informal e precário plenamente inserido numa rede de distribuição capitalista na metrópole.

O alojamento 1 tratado em detalhe neste trabalho, é um dos três alojamentos situados na Rua Demétrio Levides, Distrito do Cangaíba, periferia da Zona Leste da capital paulista. Pertence ao Senhor Maciel, como já foi dito. Os outros dois alojamentos da Rua Demétrio Levides ficam em cômodos dos sobrados do Senhor Guilherme. Um deles, o alojamento 3, é uma extensão do alojamento 1, na medida em que está ocupado por membros do mesmo grupo familiar e da mesma rede de distribuição

Já o outro, o segundo alojamento é liderado pelo José que no início da pesquisa fazia parte da turma do alojamento 1, porém a partir de agosto de 2008 formou sua própria turma e hoje se insere em outra rede de fornecimento e distribuição de mandioca na metrópole: a do fornecedor Senhor José Coelho.

A Rua Demétrio Levides está situada nas proximidades da Avenida Dr. Assis Ribeiro que margeia a linha do trem no Vale do Rio Tietê e cuja história confunde-se com a própria história do rio ali naquele lugar. A Avenida Dr. Assis Ribeiro foi construída após a retificação do Rio Tietê. Antes da retificação do rio os habitantes utilizavam a várzea que margeia o rio Tietê naquele lugar para atividades de

chácara. Uma delas inclusive, de plantação de mandioca e que pertencia ao Senhor Beija, cuja área foi ocupada por moradias hoje tem também um grande depósito de distribuição de mandioca. Esse depósito pertence ao Senhor José Coelho que abastece de mandioca os mandioqueiros e feirantes principalmente dessa região. Após sua morte seus filhos abandonaram a chácara e a área foi ocupada por moradias e hoje tem na área da chácara um grande depósito de distribuição de mandioca do José Coelho que abastece de mandioca os mandioqueiros feirantes principalmente dessa região.

O alojamento 1 é formado por cômodos alugados pelo Senhor Maciel, nos quais os mandioqueiros ficam em geral, como já dissemos, por proximidade de parentesco. Um único cômodo chega a alojar mais de dez mandioqueiros, que ainda dividem muitas vezes parte desse espaço com a guarda das ferramentas de trabalho (carrinhos de transportar mandioca na rua, facas de descascar mandioca no momento da compra, galões plásticos para manutenção da mandioca hidratada e balanças de mão para pesar a mandioca na rua).

O Senhor Maciel, em entrevista no dia 19 de janeiro de 2009 disse que os mandioqueiros ficam seis meses aqui e seis meses lá e que no período que estão lá, a casa fica fechada. E que a partir desse ano (2009) cobraria o aluguel dos meses em que ficam nos seus locais de origem e que “se eles chiassem colocaria outro inquilino”.

Os mandioqueiros do alojamento 1 que é o dos cômodos alugados pelo Senhor Maciel, utilizam também um terreno baldio para depositar as caixas de mandioca e arrumar a mandioca nos carrinhos de mão. O terreno é cedido a eles pelo Senhor Maciel para este uso. O Senhor Maciel diz que toma conta deste terreno para o dono. Lembramos que o Senhor Maciel é também do Norte de Minas, tal como os mandioqueiros do alojamento 1 e vende no seu mercadinho feijão de corda trazido de Taiobeiras.

A cor avermelhada das calçadas, que chamou nossa atenção, está lá, na frente do alojamento 1, do mercadinho do Senhor Maciel e do terreno baldio ao lado do mercadinho. A terra vermelha denuncia a localização das instalações dos mandioqueiros. O colorido do chão vem da terra da mandioca que é lavada diariamente.

Também a casa de cômodos, usada como alojamento 3, fica cheia de caixas plásticas, algumas cheias de mandioca e outras vazias, todas sujas de terra avermelhada, com o revestimento de concreto do seu piso e sua calçada avermelhados da terra da mandioca. Esse indício geográfico era de que a mandioca era originária de um lugar de

terra de cor avermelhada transportada para ali, sendo que não era da mesma cor da terra dali.

O mesmo local de alojar mandioqueiro é também ponto de venda de mandioca na estrutura da rede de distribuição de mandioca feita pelo fornecedor de mandioca que também é migrante de Taiobeiras em Minas Gerais. No cômodo de alojamento quem manda é o parente segundo normas de hierarquização de respeito e obediência dada por relações de parentesco: pai, tio, irmão mais velho, padrinho. No ponto de venda de mandioca, por outro lado, quem manda é o pedidor de mandioca da turma; também chamado de líder da turma.

A organização do alojamento de mandioqueiros é a organização do ponto de venda de mandioca. Para haver um ponto de venda de mandioca é necessária uma quantidade padrão de vendedores e capacidade de vender cotas mínimas de quilos de mandioca pré-estabelecidos. Deste modo o alojamento precisa, para se adequar as exigências de produtividade, sempre compensar a alta rotatividade dos mandioqueiros com a constante arregimentação de jovens mandioqueiros. E independente das relações de parentesco só mora no alojamento os vendedores de mandioca daquele ponto de venda.

Essa forma de organização do alojamento ficou nítida quando em meados de 2008, soubemos que José não morava mais no alojamento 1. E que agora o José estava morando no outro alojamento e ponto de venda de mandioca, que fica numa das casas do Senhor Guilherme. Nos cômodos nos fundos do mercadinho, só moravam os mandioqueiros daquele ponto de venda. José não era mais daquele ponto de venda e por isso se mudou para os cômodos dos sobrados do Senhor Guilherme, onde tinha organizado seu próprio ponto de venda de mandioca.

Voltando à questão da organização interna do alojamento, podemos observar na Foto 2 a faca de descascar mandioca, que faz parte das ferramentas. Ela é do mesmo modelo e tamanho e fica guardada na parte inferior do carrinho presa às ferragens, quando este é guardado no alojamento.

FOTO 3- Alojamento 2.

No primeiro plano os carrinhos de mão com as facas de descascar mandioca presa no fundo. No segundo plano através do vidro da porta e da janela vemos as camas modelo beliches do alojamento. Crédito: Camilo Bustos.

No alojamento, observamos que sua organização se estrutura através de micro estruturas de poder estabelecidas pelas relações de parentesco. Ou seja, presenciamos o exemplo de um grupo de quatro irmãos, migrantes mineiros vendedores de mandioca em carrinhos de mão que obedecem ao mais velho desse grupo no alojamento e presta conta a este das suas relações do cotidiano.

Por outro lado, em relação a ponto de venda de mandioca todos estão submetidos às regras do pedidor de mandioca do alojamento. É ele que organiza o ponto de venda de mandioca: todos no ponto de venda têm que vender mandioca. Não tem exceções. O pedidor de mandioca é o último que sai e deixa o alojamento, trancado e limpo. É ele quem administra o ponto de venda. Observamos essa hierarquia no dia que fomos ao alojamento pedir autorização para entrevistar e fotografar o material de trabalho dos mandioqueiros. Nessa ocasião o pedidor de mandioca não estava no

alojamento e nem um dos outros mandioqueiros, dos que ali se encontravam se disponibilizou a nos dar qualquer tipo de informação, em relação a qualquer coisa do alojamento. E muito menos autorizou-nos a fotografar o alojamento. Quando o José pedidor de mandioca do alojamento 2 chegou ele concedeu entrevista e autorizou algumas fotos.

O mandioqueiro, que faz os pedidos de mandioca também controla se os mandioqueiros do ponto de venda estão vendendo toda a quantidade de mandioca que podem no dia e se a quantidade vendida atinge a meta mínima que cada mandioqueiro tem que vender para sustentar o custo de manutenção do alojamento: aluguel, luz e água.

O mandioqueiro, que pede uma quantidade de mandioca além da cota diária que tem capacidade de vender, sobrecarrega a infraestrutura de armazenamento de mandioca do ponto de venda, ou seja, lota os galões plásticos de mandioca. O galão plástico cheio de água de armazenar mandioca hidratada deve ser utilizado para eventualidades: dias chuvosos, impossibilidade de venda nas ruas, interstícios de dias de entrega de mandioca pelo fornecedor. Não deve ser rotineiro que o mandioqueiro acumule ou estoque mandioca no galão fora dessas circunstâncias. Além de que o uso do galão gera aumento no consumo de água; pois a água do galão é trocada todos os dias.

É no alojamento, que o dia de trabalho se inicia como já dissemos, com a arrumação dos carrinhos de transporte de mandioca nas ruas. Nos três alojamentos da rua, o trabalho é o mesmo. Todos migrantes mandioqueiros, desses três alojamentos dos cômodos alugados da Rua Demétrio Levides, começam o trabalho de lavagem e corte das pontas da mandioca e arrumação dos carrinhos por volta das oito horas da manhã. A arrumação do carrinho de mandioca é feita na calçada da rua do alojamento dos cômodos dos sobrados do Senhor Guilherme e no terreno baldio pelos mandioqueiros do alojamento nos cômodos nos fundos do mercadinho do Senhor Maciel.

Esses mandioqueiros que se alojam nesses cômodos dos sobrados do Senhor Guilherme, arrumam os carrinhos de mandioca na própria calçada da rua, e armazenam a mandioca de um dia para o outro em galões plásticos cheio de água nas próprias dependências dos cômodos onde dormem. Esses mandioqueiros que se alojam nos cômodos dos sobrados do Senhor Guilherme têm que arrumar a mandioca na rua. O quintal e os cômodos são pequenos e não oferece espaço para eles arrumarem os carrinhos. Ou seja, diferente do modo como os migrantes mandioqueiros que se alojam

nos cômodos alugados pelo Senhor Maciel nos fundos do seu mercadinho arrumam os carrinhos de mandioca no interior de um terreno baldio fechado com folhas velhas de latão.

Para isto o mandioqueiro mais velho é ajudado pelos mais novos, na arrumação do carrinho. O mandioqueiro pega um carrinho cheio de água e traz a caixa plástica cheia de mandioca até próximo deste carrinho cheio de água. Coloca a caixa plástica cheia de mandioca ali no chão, pega a mandioca uma a uma de dentro da caixa e coloca dentro do carrinho cheio de água e lava as mandiocas ainda com casca. Em seguida com a faca afiada outro corta a ponta da mandioca e coloca uma a uma no outro carrinho sem água com a ponta cortada voltada para frente do carrinho. As mandiocas são empilhadas umas sobre as outras em pilhas de quatro a cinco mandiocas de altura para os vendedores adultos e em pilhas de duas a três mandiocas de altura para os vendedores mais novos.

Ao tratar do modo como os jovens rurais de Marataizes no Espírito Santo que vendem abacaxi em carrinho de mão nas ruas do Rio de Janeiro, (ROSAS: 2006) disse que os jovens vendedores de abacaxi em seus deslocamentos pelas ruas e esquinas do Rio de Janeiro têm contato com diferentes atores. E passam a conviver de forma direta com amigos de infância no espaço do trabalho, com comerciantes incomodados com sua presença, com ambulantes que estão na mesma situação de precariedade e com clientes, desde os que compram somente umas poucas vezes até os que compram todas as semanas, delineando um universo constituído por práticas ordenadas através do espaço e do tempo característicos deste caso específico. Assim como as práticas dos mandioqueiros mineiros.

Em seu estudo Rosas detem-se na análise da relação desses migrantes de Marataizes, vendedores de abacaxi nas ruas do centro do Rio de Janeiro, com os clientes que normalmente é distante o que é reflexo dos medos que tem da apreensão da mercadoria por parte da fiscalização, do “rapa”. No dia a dia da cidade grande os jovens de Marataizes aprenderam muitas artimanhas, principalmente em observações da rotina de vendas. Há uma diferenciação entre atendimento e preço destinado a clientes que param os carros para comprar e para os pedestres, por exemplo.

Já entre os mandioqueiros nos seus depoimentos vigora o princípio de demonstração de honestidade na relação com o cliente. No caso do estudo de (ROSAS: 2006) os vendedores de abacaxi em carrinho de mão realizam suas vendas no

movimentado centro do Rio de Janeiro e parecem não ter nenhum compromisso na relação com seus clientes.

No caso dos mandioqueiros a venda da mandioca é realizada porta em porta sempre para os mesmos compradores, o que exige relação de confiança na suposta qualidade do produto do vendedor para que não ocorra reclamações ou perda do cliente.

A opção dos vendedores de abacaxi segundo Rosas, parece estar assentada na mobilidade e na condição de “ausência/ presença” que os torna invisíveis para a maioria dos que circulam pelas grandes cidades. E que assim sendo, os jovens procuram se manter em sua posição sem chamar atenção. O que deve chamar atenção segundo eles são os frutos. E que pela situação de informalidade em que estão, chamar a atenção é atrair os olhares principalmente da fiscalização e dos comerciantes que se sentem invadidos em seus espaços de comercialização. A condição de informalidade dos mandioqueiros do Cangaíba também busca a atenção dos compradores para o produto pela vistosidade da arrumação do carrinho, porém faz parte da sua estratégia, a conquista da freguesia, que eles atendem em domicílio da melhor forma possível, dia certo, mercadoria de boa qualidade.

Para os vendedores de abacaxi ainda segundo (ROSAS: 2006), essa condição de “invisibilidade” faz com que a interação deles seja maior para com os pares, outros vendedores de frutos ou mesmo ambulantes diversos e comerciantes que não disputam o mercado com eles. Estes comerciantes são principalmente donos de bares com os quais eles mantêm uma boa relação se beneficiando ali da possibilidade de utilizar um banheiro ou tomar um copo de água. Segundo relatos, alguns disseram que: “... com estes é possível contar”. Contar nesse caso seria principalmente no caso da necessidade de uma ida até um banheiro ou na fuga dos fiscais. Os mandioqueiros deste estudo a nosso ver tal como os vendedores de abacaxi em carrinho de mão pouco se alardeiam. Nos carrinhos bem arrumados é a mandioca a evidenciada. O que deve ser destacado é a mercadoria e não a informalidade em que estão.

A forma padronizada de arrumação do carrinho e seu conteúdo são por vezes motivos de brincadeiras e chacota entre estes migrantes mineiros vendedores de mandioca. Certa vez um desses migrantes a título de brincadeira colocou no meio das mandiocas bem arrumadas e vistosas do carrinho do seu parente e colega de alojamento uma mandioca seca, apodrecida e cheia de bichinhos pretos, dentro da mandioca velha e seca, que destoava da homogeneidade da vistosa frente branca das outras mandiocas.

Quando o mandioqueiro parou na calçada em frente minha casa, logo avistei aquilo, que não me pareceu à primeira vista uma mandioca velha, mas simplesmente um pequeno pauzinho seco. Então perguntei ao mandioqueiro José, o que era aquilo. Ele retirou aquela mandioca seca do meio de suas vistosas mandiocas do carrinho e disse: “Isso é macera que os meninos fizeram comigo. Quando eu voltar eles vão ver”.

O mandioqueiro se explicava e ria desenhado do constrangimento. Os meninos ao qual ele se referia são os seus colegas e parentes mandioqueiros com os quais convive no alojamento: tio, primos, sobrinho, cunhado.

No caso dos vendedores de abacaxi do Rio de Janeiro, a preocupação com a fiscalização transforma-se em indignação. Essa preocupação, segundo alguns dos vendedores de abacaxi, os une enquanto 'bandidos'. Bandido na fala deles tem um valor de quem está sendo perseguido, “procurado”, pela polícia, mesmo que segundo eles não tenha nenhum crime sendo realizado.

Diz Rosas, que os próprios jovens costumam dizer que são procurados todos os dias e se indignam com a situação, pois estão “trabalhando honestamente e buscando o pouco dinheiro que podem onde podem”. Alguns chegam a afirmar que “... dá mais para confiar em bandido que em polícia aqui no Rio...”. Acontece, e é muito comum, de os fiscais exigirem frutos como forma de 'liberar' a carga de apreensão. Isso incomoda, porém parece também dar uma certa margem de segurança para que as vendas ocorram pelas ruas. E que fatos como estes relacionados principalmente as dificuldades que a fiscalização da prefeitura impõem à venda dos frutos pelas ruas por parte dos jovens são muito comentados em Marataizes e parecem reforçar ainda mais os laços afetivos que seguram os jovens à suas famílias.

Os jovens muitas vezes se sentem deslocados na “cidade grande”, refutando uma aproximação maior com os seus moradores. Isto parece ocorrer principalmente pela sua inserção marginal, lembrada a eles a todos os momentos pelas ameaças dos fiscais da prefeitura e pelos deslocamentos feitos pela cidade para evitá-los. Rosas (ROSAS: 2006) conclui que eles devem ficar quietos para não atrair olhares que os destaquem na paisagem e os revelem.

E que esse deslocamento e essa “inferioridade” parece ocorrer justamente pelo fato de que a comunicação entre eles e os consumidores tem de ser diminuta. Como contraponto, o que deve aparecer, e aparece, é o fruto.

Quanto ao início dos mandioqueiros no Cangaíba, em conversa com o Manoel, o dono das ferramentas, ele nos disse bastante descontraído que está neste serviço há onze anos. Que o terreno onde esse trabalho começou foi no terreno que fica em frente ao mercadinho do Senhor Maciel. Que eles usavam aqueles dois terrenos e que quando o dono apareceu o Senhor Maciel, que já guardava carro nesse terreno que usam hoje, ofereceu a eles o terreno para trabalharem lá com mandioca e tomarem conta do terreno até o dono aparecer.

Os mandioqueiros, por vezes, vendem no carrinho de transporte de mandioca outros produtos. Muitos deles trazidos do norte de Minas. Percebemos que o Senhor Ilton negocia com o Senhor Maciel produtos trazidos por ele do norte de Minas: fava, feijão de corda e farinha de mandioca caseira. O Senhor Maciel é da segunda geração de migrantes mineiros de Montes Claros. A primeira geração de migrantes, mineiros de Montes Claros são seus pais que moram nas proximidades da rua Demétrio Levides. Além dos migrantes mineiros da família do Senhor Maciel, nas proximidades do mercadinho têm também alguns migrantes mineiros que procuram no mercadinho do Senhor Maciel esses alimentos típicos da comida do norte de Minas e o Senhor Ilton negocia com o Senhor Maciel os produtos trazidos por ele do norte de Minas.

Em relação à aceitação desses produtos nos disse o Senhor Maciel: que os mineiros procuram bastante fava, feijão de corda e farinha de mandioca caseira para comer com costelinha de porco”. O Senhor Ilton vende em seu carrinho além de mandioca milho e feijão de corda. O feijão de corda vem de Taiobeiras e chega às terças-feiras. Terças-feiras, é o dia que chega o ônibus do Toco. Toco é o nome como os migrantes mineiros denominam o motorista e dono da empresa de turismo de Taiobeiras que traz e leva esses migrantes da origem ao destino e os transporta nos retornos a origem. Assunto sobre o qual trataremos no capítulo 3.

É no bar rodoviário do Marivaldo na Rua da Coroa, ao lado do Terminal Rodoviário do Tietê, na Zona Norte da Capital, que chegam as encomendas: feijão, fava e queijo coalho de Taiobeiras e que são vendidos pelos mandioqueiros. Na metrópole essas raridades ruralistas ganham preços nada módicos. Um quilo de feijão de corda é vendido por seis reais o quilo. Um preço duas vezes maior se comparado ao quilo do feijão comum, cujo preço de certas marcas não chega a dois reais na atualidade.

Quando chega ao alojamento nem sempre os mandioqueiros podem descansar. Se a venda não foi boa ou se está chovendo há muitos dias ele têm o trabalho no galão de água com a mandioca hidratada para cuidar. O armazenamento da mandioca

em galões plástico cheio de água é uma estratégia para conservar a mandioca com casca em bom estado de consumo por mais tempo. No galão o tempo máximo que a mandioca pode permanecer é dois dias, após esse tempo se deixada na água ela apresenta alteração na sua composição. Para evitar perda o mandioqueiro, quando está no alojamento, monitora frequentemente o seu produto no galão. Retira as mandiocas que já não podem mais permanecer na água, descasca, coloca em saquinhos plásticos transparentes e armazenam numa pequena geladeira dentro do alojamento.

Nos dias chuvosos contínuos o trabalho no galão se intensifica. Nossa observação de campo de março de 2010 revelou que os mandioqueiros, deixam os galões no terreno baldio de manejo diário de mandioca. Em um final de semana chuvoso, observamos que embora caísse uma chuva fina e intermitente, que começara no sábado à tarde e se prolongara pelo domingo afora. Nesse terreno, por volta das treze horas, sem se importarem com a garoa que caia, os mandioqueiros estavam em pé em volta do galão plástico azul retirando-as dali e colocando nos carrinhos de transportar mandioca. Em seguida iam descascando a mandioca ali mesmo na chuva e iam colocando dentro d'água em outro carrinho. Eram os mandioqueiros Alcino, Sebastião e outros três com uma aparência de mais de quarenta anos de idade que estavam lá empenhados em não perder suas mandiocas. Após bem lavada no carrinho a mandioca sem casca é acondicionada em saquinhos plásticos transparentes com capacidade de um quilo de mandioca descascada e é colocado na geladeira.

A mandioca necessita ser conservada na água, entretanto não pode ficar mais de dois dias que já começa a ficar imprópria para venda. Para que isso não ocorra então tem o trabalho de monitoramento e manejo constante da mandioca do galão. Nos dias chuvosos ocorrem até de o mandioqueiro ter que trabalhar na chuva para socorrer a mandioca do galão de vir a deteriorar-se em consequência de permanecer excessivo tempo dentro da água. A segunda-feira amanheceu chuvosa. Os mandioqueiros que normalmente não trabalham de vender mandioca nas ruas às segundas-feiras, nos dias que chove têm muito trabalho. A mandioca que não foi vendida é toda descascada a fim de garantir uma maior durabilidade para ela. A mandioca com casca hidratada dura apenas dois dias. A mandioca descascada dura mais de duas semanas em condições boas de refrigeração.

O mesmo local onde o mandioqueiro é alojado funciona também como ponto de venda de mandioca, como já vimos. Entretanto, enquanto o ponto de venda de mandioca tem regras fixas, no alojamento há uma maior flexibilidade nas relações. No

alojamento há mais espaço para as individualidades. Na segunda-feira, por exemplo, que é o dia em que os mandioqueiros não saem para as ruas para vender mandioca, alguns mandioqueiros vão para a Vila Industrial ver os amigos e parentes, outros vão jogar bola no campo de futebol do Parque Ecológico do Tietê e os mais velhos em geral ficam de cócoras horas e horas conversando entre eles na beira da calçada em frente ao mercadinho do Maciel.

Já aqueles que gostam de beber vão para o bar tomar o seu “goró” como eles costumam dizer. Esses alojamentos, na época de pico de vendas, que são os meses de fevereiro a junho e de julho a setembro chegam a contar com mais de 15 homens em cada casa. A convivência dessa superpopulação nem sempre é pacífica. Prova disso são as três casas da Rua Demétrio Levides resultado de dissidências entre mineiros que quando não abandonam a atividade ou o convívio com os parentes do alojamento alugam outra casa e passam a arregimentar seus próprios grupamentos de parentes para a venda de mandioca em carrinho de mão porta em porta nas ruas da metrópole.

Nessas casas, dividem o espaço de moradia com o depósito de grandes galões plásticos com capacidade para 100 litros de água, onde é mantida hidratada a mandioca para que não se estrague; com o carrinho de mão que utilizam para transportar o produto; com as caixas plásticas usadas para transportar a mandioca do galão até o carrinho de mão na rua em frente ao alojamento. Nesse mesmo local, tem também tanques de lavagem de suas roupas e varais onde as penduram para secagem.

Não sabemos ao certo a quantidade exata de cômodos, utilizada como alojamento. Já que esses trabalhadores, como já disse dividem seus espaços da habitação, com os enormes galões de água de hidratação da mandioca, depósito de guarda dos seus carrinhos de mão e as caixas plásticas de transportar mandioca. Essas são algumas das situações de precarização das suas condições de habitação nos seus alojamentos da Rua Demétrio Levides.

Da rua o que se vê é apenas muita sujeira. As roupas são penduradas em varais improvisados na frente do sobrado. Os que moram na parte de cima estendem suas roupas na frente do sobrado na parte de cima. E os que moram embaixo estendem suas roupas, também na frente da casa na parte de baixo. E, então, a forma do alojamento, tem suas hostilizações visíveis expressas nos comentários dos vizinhos. Os comentários demonstram repulsa ao aspecto das escadarias e da frente da casa com a terra avermelhada e suas roupas simples, penduradas sem prendedores, para secagem no

varal, sem que tivessem sido tirados delas todos os resíduos da terra da qual ficam impregnadas durante o manejo das mandiocas.

Os indícios da segregação que esses trabalhadores migrantes mineiros vivem em relação aos seus vizinhos são recorrentes nos discursos dos vizinhos do alojamento. Costumávamos conversar com uma pessoa conhecida que é da segunda geração de migrantes mineiros da Região de Montes Claros, em Minas Gerais e mora num sobrado de classe média em frente ao alojamento. Perguntávamos se tinha comprado mandioca dos vizinhos mandioqueiros ou se seus vizinhos eram briguentos. E observamos que nas raras vezes que ela deu continuidade a prosa foi para realçar algum aspecto negativo do alojamento: eles sujam toda a calçada, tinha uma mulher lá dentro (sugerindo alguma relação promíscua dos indesejados vizinhos).

O vendedor de mandioca Corino, que ficou apenas cerca de vinte dias em São Paulo, ao decidir retornar para Taiobeiras disse para seus três irmãos mais velhos e para seu primo com os quais dividia um dos cômodos de alojamento na Rua Demétrio Levides, que estava retornando para seu local de origem, porque não conseguiu se adaptar nem ao trabalho e nem ao novo estilo de vida na forma de alojamento. Embora haja uma forma de organização familiar no alojamento cada mandioqueiro prepara a sua refeição individualmente. Após a arrumação do carrinho até nove horas que é o horário que os mandioqueiros começam a sair com o carrinho para vender mandioca, alguns mandioqueiros são vistos na pequena padaria próxima ao alojamento a tomar seu “café de duas mãos”⁵.

Embora os mandioqueiros se desloquem de seus locais de origem para a metrópole paulista visando à subsistência dos seus familiares que ficaram no local de origem, sua prática nem sempre consiste em envio de dinheiro do local de destino para o de origem. Assim que começam a juntar algum dinheiro no local de destino em geral os mandioqueiros jovens, são vistos portando telefones celulares, no sábado à tarde depois do trabalho se despem das vestes de mandioqueiros, com as quais são vistos empurrando os carrinhos de mandioca nas ruas e são vistos sentados nas proximidades do alojamento usando tênis do mesmo modelo de marcas do tipo “Mizuno, Adidas”; marcas de calçados essas, que são vendidas no mercado por preços bem acima das possibilidades dos jovens de baixo poder aquisitivo; muitas vezes, apenas como forma de ostentação de um poder de consumo que nem sempre têm. Quem é casado e deixou

⁵ No Norte de Minas café de duas mãos é o café com acompanhamento.

esposa e filhos na região de origem, em geral costuma enviar-lhes dinheiro regularmente, mesmo em pequena quantidade. E quem é solteiro manda dinheiro para pai ou mãe quando pode. Isso é o que ouvimos da conversa de trabalhadores migrantes mineiros em frente ao mercadinho do Senhor Maciel.

Numa segunda-feira, como de costume, os mandioqueiros mais velhos estavam na Rua em frente ao alojamento onde moram, desocupados conversavam acorados na porta do mercadinho. Ouvimos que, os mais velhos, diferentemente dos novos mandam dinheiro pra família em Taiobeiras..

Apesar da minha dificuldade de compreender o regionalismo de suas falas, foi possível entender que o rumo da prosa deles se reportava ao envio de dinheiro para familiares, conforme o diálogo seguinte:

— “Maria não ligô essa semana não”
 O outro replicou:
 — Pro mode que?..
 O primeiro respondeu:
 Uai, sô. Pra falá su dinheiro chegô”.
 (Diário de Campo)

Então percebemos que os mais velhos, de fato, mandam dinheiro para os seus parentes que ficaram em Taiobeiras. Os jovens por outro lado, com esse dinheiro compram coisas que todo jovem tem vontade de possuir aqui, nessa sociedade atual valorizadora do consumo.

O mandioqueiro José, nos contou que com economias da venda de mandioca já possui uma moto que fica lá em Taiobeiras para seu uso quando para lá retorna sazonalmente e que atualmente está tirando carta de motorista e moto para evitar problemas com a fiscalização quando quer andar de moto nas vias públicas de Taiobeiras. Os migrantes mineiros mais velhos quando retornam para o local de origem também levam objetos reveladores simbólicos de prosperidade no mundo do consumo. Para o migrante é importante retornar para sua cidade de origem com “calçado bom e roupa boa” adquirida em São Paulo, que no universo simbólico desses migrantes é ainda a terra das oportunidades.

CAPÍTULO 2

AS REDES DE DISTRIBUIÇÃO DE MANDIOCA

2.1. A origem e o fornecedor de mandioca

No caminho de desvelar uma indagação da pesquisa, muitas vezes, desvelamos outras. No desenrolar da pesquisa para saber como era o fornecimento da mandioca no alojamento, descobrimos que a venda da mandioca na rua é parte de uma rede de intermediação, de mão de obra proveniente de área rural que alimenta a presença desse tipo de trabalho na cidade grande.

O fornecimento de mandioca entre os mandioqueiros em questão nos alojamentos de que trata esta investigação é feita no sistema de redes sociais. Neste capítulo trataremos basicamente deste conceito, enfatizando a forma como os fornecedores de mandioca e intermediários se organizam para distribuição do produto da roça aos alojamentos dos mandioqueiros.

A entrega da mandioca para o alojamento é realizada na madrugada. No alojamento 1 é entregue e estocada no terreno baldio, sobre o qual já nos referimos. O distribuidor, portanto, entrega a mandioca à noite ou de madrugada no terreno baldio ao lado do mercadinho do Senhor Maciel. Ele deixa as caixas plásticas de mandioca cheias, levando consigo as caixas vazias. No caso dos alojamentos em sobrados em que não há um terreno para guardar as caixas de mandioca a entrega é deixada dentro dos próprios cômodos do alojamento. Os mandioqueiros têm que devolver as caixas plásticas vazias para o distribuidor na data da próxima entrega.

Quando o caminhão chega com a entrega, os migrantes mineiros vendedores de mandioca têm que levantar de madrugada ou alta hora da noite para descarregar as caixas de mandioca.

Os mandioqueiros então, descarregam as caixas e retornam para o alojamento para descansar.

A distribuição da mandioca para os alojamentos ou pontos de venda é feita pelo Senhor Orlando, e chega aos alojamentos transportada pelo Adílio. O Adílio é irmão do Orlando e dirige o caminhão do distribuidor. Segundo a esposa do Adílio ele dorme durante o dia e de madrugada entrega mandioca para o distribuidor Orlando.

Os fornecedores e distribuidores de mandioca se organizam da seguinte maneira: os distribuidores de mandioca têm caminhões e carretas, conduzidos por motoristas contratados para dirigi-los e buscar mandioca na roça e trazer para ser distribuída na cidade.

O motorista da rede de distribuição do alojamento 1 é contratado dentre os conterrâneos ou sua parentela no seu local de origem: o norte de Minas.

O atual motorista que entrega mandioca no alojamento 1 é do norte de Minas e é irmão do Senhor Orlando, portanto são conterrâneos dos migrantes mineiros do alojamento.

Os mandioqueiros pedem mandioca do fornecedor, por meio do pedidor de mandioca, todos conterrâneos do norte de Minas. O dono da distribuidora de mandioca, conheceu esses seus conterrâneos desde que trabalhou em fazendas de café chegando a ser administrador de fazenda de café para onde muitos conterrâneos iam trabalhar sazonalmente na colheita do café. O Senhor Orlando era administrador de fazendas de café antes de vir para a metrópole, o que facilitou o contato com os trabalhadores sazonais que também são mandioqueiros; fato que já foi mencionado. Orlando juntou alguma economia e veio para São Paulo a chamado do Francino, mineiro de Taiobeiras que já estava no negócio do transporte de mandioca. Francino muito doente, chamou o atual distribuidor de mandioca do alojamento 1 para ser motorista do seu caminhão. Posteriormente, Francino vendeu seu caminhão para o Orlando e comprou um sítio em Taiobeiras. Enquanto o Orlando estabelece as conexões dos intermediadores da venda de mandioca para efetuar o fornecimento para os alojamentos.

O pagamento pela mandioca, por sua vez, nem sempre é feito direto para o fornecedor. No caso do fornecimento de mandioca feito pelo Orlando, o recebimento da venda da mandioca nos alojamentos é feito por meio de um recebedor e sempre durante o dia e não nos mesmos horários de entrega das caixas de mandioca nos alojamentos.

O distribuidor do alojamento da Rua Demétrio Levides busca a mandioca no Sítio Rosa Branca, no bairro de Pederneiras, no Município de Engenheiro Coelho pertencente ao Escritório de Desenvolvimento Regional de Mogi Mirim, no interior do Estado de São Paulo. Foi do sítio Rosa Branca que a atendente nos informou sobre o fato de que, por lá, os arrancadores de mandioca também são, majoritariamente, provenientes do norte de Minas, além de serem parentes entre si, arregimentados para o trabalho sazonal de plantio e colheita da mandioca.

Além das entrevistas e visitas que fizemos no alojamento de mandioqueiros da Rua Demétrio Levides, visitamos também outros pontos de venda de mandioca desse tipo específico de trabalhadores sazonais, oriundos do norte de Minas. O ponto de venda de mandioca do Rio Pequeno foi um deles.

Localizamos esse ponto por meio de contato durante o momento da compra de mandioca na Avenida Vital Brasil, no bairro do Butantã. Nossa preocupação em contatar esses mandioqueiros se deu no início da investigação, e foram decorrentes de informações esparsas coletadas nos depoimentos iniciais. De todo modo, pudemos constatar diversas ramificações é tecida a partir do distribuidor Orlando; que tem o depósito no Rio Pequeno. Dentre essas ramificações chegamos ao pequeno depósito do mineiro Rone, um jovem aparentando aproximadamente vinte ou vinte dois anos de idade, também originário de Taiobeiras. Surpreendemo-nos com a grande variedade de hortaliças e frutas presentes no local. O jovem Rone, separava os produtos e nos disse que à noite ele distribui mandioca na caminhonete modelo saveiro, que estava estacionada em frente ao depósito.

A entrevista com esse entregador de mandioca a serviço do Orlando revelou que a entrega da mandioca é feita em várias localidades da capital paulista e não só na Rua Demétrio Levides. Além disso, as entregas são ordenadas numa logística de contratação de distribuidores regionais, ou seja, o entregador Rone, entrevistado no depósito do Rio Pequeno, por exemplo, relatou-nos que só entrega até a Praça da Sé. A partir da Praça da Sé ou Zona Norte ou Zona Leste em diante, o serviço é feito por outro entregador. Adílio é o entregador de mandioca no alojamento 1, que estamos estudando em detalhes.

Hoje o fornecimento da mandioca para os outros dois alojamentos da Rua Demétrio Levides é feito tanto pelo Orlando quanto pelo José Coelho. Os mandioqueiros pedem fornecimento tanto de um como de outro, dependendo da qualidade e do preço da caixa de “mandioca suja”, como dizem. A chamada mandioca suja é aquela arrancada e colocada na caixa com a raiz ainda impregnada de terra. Hoje há uma grande quantidade de caixas plásticas vermelhas escritas José Coelho por toda parte dos alojamentos da Rua Demétrio Levides. Orlando, portanto, não é mais o único fornecedor de mandiocas nesses alojamentos. Entretanto há mandioqueiros que, como Sebastião, só compram mandioca do Orlando. O fato de os mandioqueiros abandonarem a exclusividade, comprando mandioca de um fornecedor e não de outro, significa que a

metamorfose desses processos se deu em função dos altos preços cobrados pelo Orlando pela caixa de 25 quilos de mandioca.

A mandioca fornecida pelo José Branco, como é mais conhecido o já mencionado José Coelho, muitas vezes é vista sendo vendida em carrinhos de mão por adultos e crianças nas proximidades do Cangaíba. Embora tenhamos optado pela análise verticalizada da rede de distribuição concernente ao Alojamento 1, consideramos agora a outra rede de distribuição cujo distribuidor é o José Branco. Nessa rede a distribuição da mandioca é dirigida principalmente para pequenos feirantes que de segunda à sábado à partir das dezessete horas se deslocam para a Rua Acará Bandeira no “Pira”, nome como é conhecido o Jardim Piratininga, para abastecer de mandioca e também de outros produtos.

No Pira, famílias inteiras são vistas todos os dias, após as 17 horas descascando mandioca. A mandioca descascada e embalada é vendida tanto por crianças quanto por mulheres. As crianças pegam dois saquinhos em cada mão e saem oferecendo a embalagem, com cerca de meio quilo de mandioca limpa e lavada, pelo preço de um real o pacote. As mulheres são vistas em banquinhas feitas com uma ou duas caixas plásticas nas feiras, em esquinas ou no final da tarde, em locais próximos do Pira com grande circulação de pessoas como perto do mercado “Opção” no largo do bairro de Engenheiro Goulart, próximo da entrada da Estação de trem de Engenheiro Goulart e próximo do túnel que passa por baixo da linha do trem e é porta de entrada para o Pira.

O abastecimento de mandioca, no tempo em que o Cangaíba era apenas um bairro rural, arrebalde da Vila da Penha, era feito pelo chacareiro Beija em sua chácara do Pira. Beija é a abreviatura de Benjamim, maneira carinhosa com que os moradores do Canga, forma abreviada íntima de Cangaíba, se reportam ao chacareiro do mandiocal do Jardim Piratininga de nome Benjamim. A referida chácara ficava na várzea do Rio Tietê. Na verdade, segundo depoimentos de antigos moradores do Canga, a chácara que o Beija plantava era posse do Senhor Mauabe. O Senhor Mauabe havia cedido aquelas suas terras na várzea do Rio para o Beija plantar e cuidar daquelas terras.

A produção de mandioca do Beija era vendida na feira e também para pequenos compradores que iam comprar na chácara. Os filhos do Beija e o José Branco transportavam mandioca da roça para os feirantes da periferia da metrópole. As charretes e carroças iam também à chácara para abastecer os quitandeiros e feirantes da região.

Na chácara do Beija, vendedores autônomos também iam buscar mandioca para vender nas ruas do Canga. Após a morte do Beija, seus filhos abandonaram essa atividade de mandioqueiros. Portanto, o abandono da atividade chacareira por parte de seus filhos mandioqueiros se iniciou ali no Pira, um processo de parcelamento e ocupação da gleba e um comércio de mandioca abastecido, inicialmente, pelos caminhões dos filhos do Beija que abasteciam os feirantes da região e o mercado da Cantareira.

Com a morte do Beija, os seus filhos venderam os caminhões e mudaram de atividade. Mas a atividade mandioqueira no local da chácara continuou através do José Branco, já citado, feirante que chegou ali por volta do ano de 1990, e diz ter hoje aproximadamente duzentos e cinquenta alqueires de mandioca plantada em diversos sítios dos municípios do interior paulista. Isso não significa que ele é proprietário dos 250 alqueires, mas que a mandioca plantada nessa área é, por ele, destinada à comercialização. Desse modo, observa-se que essa é sua atual capacidade de distribuição de mandioca anual.

2.2. A intermediação na venda da mandioca: empreiteiros e intermediários.

A intermediação e venda da mandioca realizada com base nas redes sociais, apoiadas, ou baseadas nas relações de parentesco, têm vínculos com a produção comercial e com a constituição de empresas. O senhor Orlando é empreiteiro da compra de mandioca boa para o seu irmão Adílio buscar com o caminhão, e está no topo da rede de distribuição.

Na divisão de trabalho da rede compete ao Adílio irmão do Orlando, ir ao sítio, carregar o caminhão com mandioca, ao senhor Ilton compete ser o pedidor de mandioca para o alojamento. E soubemos da existência de um recebedor, que, no entanto não pudemos identificar. A rede também abarca os trabalhadores recém chegados do meio rural com pouquíssima escolaridade e pouco trato com a dinâmica do meio urbano.

O preço da mandioca pode chegar ao consumidor seis vezes mais alto em relação ao preço pago pelo intermediário na roça para o produtor, conforme notícia veiculada em 2009:

Os preços da raiz de mandioca subiram 1,5% em maio, na comparação com abril, segundo levantamento realizado com exclusividade pela Natural Comunicação/Sistema de Informações Agroindustriais da Mandioca Brasileira, no interior paulista. O preço médio foi de R\$ 1,36/quilo, ante R\$ 1,34 no mês anterior. O destaque ficou por conta da grande disparidade de valores encontrada nos supermercados visitados por nossa equipe, em maio. No momento da pesquisa, a raiz era vendida de R\$ 0,96/quilo a R\$ 1,59/quilo, dependendo do ponto de venda.

No mercado atacadista da Ceagesp, a caixa de 23 quilos da raiz de mesa subiu 2,7% para a mandioca graúda e 7,1% para a mandioca média, na comparação de maio com abril. O preço médio foi de R\$ 16,05 e R\$ 12,33/caixa, respectivamente.

Os preços da raiz de mesa ao produtor, por outro lado, recuaram cerca de 38% na comparação da média de maio (R\$ 5,05/caixa de 23 quilos em Mogi Mirim e Sorocaba) com a média de abril (R\$ 8,10/cx), segundo dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA). Em plena safra, o avanço da colheita da mandioca pressiona fortemente os valores recebidos pelos produtores, mas ainda não interfere nos preços ao consumidor, que paga caro pelo quilo da raiz.

Se considerarmos o preço de R\$ 5,05 pela caixa de 23 quilos, chegamos a um preço por quilo equivalente a R\$ 0,22, o que indica que o consumidor paga seis vezes mais (R\$ 1,36) pelo quilo da raiz de mesa do que o valor que o produtor recebe por sua venda. (GAMEIRO, Mariana Bombo Perozzi: 2009)

Quanto a principal rede de intermediação podemos afirmar que o Senhor Orlando pega mandioca no Sítio Rosa Branca; que pertence à empresa AAJ Comércio de Hortifruti, cujo nome fantasia é “Della Natura”, apenas às quintas-feiras. Nos outros dias ele distribui mandioca que vem de outros sítios que não foram abarcados por essa pesquisa. Os mandioqueiros falam de mandioca de Monte Alto, mandioca de Mococa. O Sítio Rosa Branca, situa-se na Região de Mogi Mirim, que corresponde ao Escritório de Desenvolvimento Regional (EDR) de Mogi Mirim, que tem grande importância exatamente pelo alto porte da produtividade de mandioca de mesa que tem no Estado de São Paulo.

A empresa A.A.J. Comércio de Hortifruti está localizada no Sítio Rosa Branca no bairro rural de Pederneiras, no Município de Engenheiro Coelho, região de Mogi-Mirim. Segundo dados da Junta Comercial do Estado de São Paulo-JUCESP, esta empresa foi criada em abril de 2005, visando o comércio atacadista de frutas, verduras, raízes, tubérculos, hortaliças e legumes frescos. Seu nome comercial é Della Natura. A Della Natura foi quem nos informou a respeito do fornecimento dos produtos na capital paulista para grandes cozinhas industriais, na Zona Norte da Capital, em especial para o Hipermercado Andorinha também na Zona Norte da Capital.

Por causa do tempo que tínhamos para concluir o trabalho, houve a necessidade de limitar nosso campo de pesquisa a fim de dar conta de resultados mais

efetivos. Por exemplo, não foi possível descobrir onde é o entreposto geral de distribuição do Senhor Orlando, questão que não ficou bem resolvida neste trabalho.

Por outro lado descobrimos que a empresa DP Valle Verde, existe desde o ano 2000, de acordo com os documentos por nós examinados. A DP Valle Verde pertence ao Orlando. Foi por meio do telefone escrito nas caixas plásticas amarelas, com a insígnia do nome e telefone do distribuidor de mandioca, que soubemos da existência da empresa DP Valle Verde. De posse dessas informações sobre o distribuidor de mandioca, retornamos a JUCESP e solicitamos uma pesquisa sobre a DP Valle Verde, cujos dados revelaram que a DP Valle Verde e o distribuidor Orlando do Rio Pequeno eram um mesmo distribuidor.

Tivemos a informação do Sítio Rosa Branca de que às quintas-feiras a DP. Valle Verde abastece de mandioca neste sítio e descarrega na capital paulista. Na Rua Demétrio Levides a informação é que a entrega de mandioca é feita pelo Senhor Orlando somente nas segundas-feiras e nas quartas-feiras. Ver organograma.

Figura 1. ORGANOGrama: Distribuição da Mandioca Plantada no Sítio Rosa Branca no Município de Engenheiro Coelho pela empresa D.P. Valle Verde.

Fonte: JUCESP e Diário de Campo. Org. Maria Creuza Gonçalves

Os dados da JUCESP indicam que até 2005 existia no município de Monte Alto uma filial da empresa DP. Valle Verde. O Município de Monte Alto é um

importante distribuidor de mandioca de mesa para o CEAGESP e para o Mercado Municipal da Cantareira, no centro da cidade de São Paulo.

Na busca de dados para análise, procuramos colher alguns dados na JUCESP. O que nos levou a JUCESP foi a busca de dados que nos revelassem de onde eram as caixas plásticas amarelas com os dizeres AAJ Hortifruti, que se espalhavam por todo o terreno baldio onde os mandioqueiros recebem e arrumam os carrinhos de mandioca. Essas caixas são vistas amontoadas e cheias de mandioca em determinadas manhãs da semana ou vazias espalhadas por esse terreno baldio até o dia da próxima entrega de mandioca.

Quando entrega a mandioca, o entregador leva estas caixas vazias e deixa as cheias. Estas caixas também trazem impresso o número de um telefone com o DDD da região de Campinas, o que nos levou a origem do local de fornecimento das mandiocas para a DP Valle Verde: O Sítio Rosa Branca. O Sítio Rosa Branca, que na JUCESP é a AAJ Hortifruti, tem o nome comercial de Della Natura. É esta empresa, ou AAJ Hortifruti, quem fornece as mandiocas para o Orlando ou DP Valle Verde, o qual, com ajuda de entregadores como o Adílio, que entregam mandioca durante a noite, que a DP Valle Verde chega aos seus pontos de venda de mandioca.

O documento da JUCESP revela que a DP Valle Verde existe e funciona no endereço que corresponde a CEAGESP, cujos fiscais informaram que a DP Valle Verde fica na área dos permissionários do CEAGESP. O SAC-Serviço de Atendimento ao Cliente da DP Valle Verde atende e diz que seu escritório está no território da CEAGESP, mas não informa o local.

A CEAGESP é um grande entreposto de distribuição de hortifruti e também o local que sedia a DP Valle Verde. Apesar de ser um grande entreposto de distribuição de hortifruti, não é da CEAGESP que traz toda mandioca vendida de porta em porta. Segundo informações de banco de dados relativos ao abastecimento de alimento na metrópole paulista, 85% da mandioca produzida no Estado de São não passa pelos Centros de Abastecimento, tais como CEAGESP, e são comercializados na venda de porta em porta em centros urbanos.

Em trabalho de campo realizado na CEAGESP durante nosso curso de graduação em Geografia fomos informados que nesse entreposto não entra e não sai nenhuma mercadoria sem nota fiscal; isso parece ser um problema para o sitiante produtor de mandioca. A mandioca de mesa produzida no Estado de São Paulo tem sua produção concentrada em pequenas propriedades. A exigência de nota fiscal pode ser

um elemento complicador para a pequena produção mercantil de mandioca. Talvez isso, explique porque as carretas e os distribuidores de mandioca para os pontos de venda preferem circular a noite ou de madrugada.

2.3. A Distribuição da mandioca para os alojamentos dos mineiros na periferia da metrópole paulista.

A mandioca é colhida nos municípios de Engenheiro Coelho, que juntamente com Arthur Nogueira e Mogi Mirim são os três maiores produtores de mandioca de mesa do Estado de São Paulo. O termo mandioca de mesa se refere à mandioca com baixo teor de ácido cianídrico e se contrapõe ao termo mandioca brava dado popularmente à mandioca com alto teor de ácido cianídrico, a qual além do uso industrial destina-se a produção de farinha.

Ela é trazida do sítio para a metrópole pela empresa DP Valle Verde de propriedade do distribuidor de mandioca Senhor Orlando, que tem seu escritório sede nas dependências da CEAGESP e seu depósito no bairro do Rio Pequeno.

A rede é formada pelo distribuidor, pelo entregador, pelo pedidor de mandioca e pelos mandioqueiros e no alojamento 1 pelo dono das ferramentas.

A rede de distribuição de mandioca no alojamento 1, à Rua Demétrio Levides, teve início com o Orlando, que é o distribuidor. Já o Adílio é motorista e entregador (irmão de Orlando); o pedidor de mandioca é o Ilton e mais um grande número de mandioqueiros. Além disso, soubemos, por meio do José, da existência da figura de um recebedor, do qual não sabemos nome.

O entregador de mandioca para o alojamento recebe diariamente os pedidos feitos pelo pedidor de mandioca, como já dissemos, que durante a noite e de madrugada realiza as entregas. O recebedor foi visto por nós uma única vez. Ele é o único que entra no alojamento e faz o recebimento durante o dia.

Segundo o mandioqueiro José, que já foi deste alojamento, todo o processo ocorre da seguinte maneira: o Orlando exige que seja contrerrâneo de Taiobeiras, que o contrerrâneo arranje um terreno baldio para depositar as caixas plásticas cheias de mandioca. O Orlando, como já dissemos, chegou a São Paulo trazido por seu

conterrâneo de nome Francino, para quem puxava mandioca da roça para a cidade de São Paulo e que retornou para Taiobeiras por motivo de doença.

O Senhor Orlando então assumiu a posição do Francino no topo da hierarquia da rede de distribuição e colocou seu irmão Adílio para puxar mandioca com seu caminhão, estabelecendo um próspero negócio de venda de mandioca e que hoje se expande para além dos alojamentos do Cangaíba.

A ação do distribuidor e dos demais integrantes da rede nem sempre é pura. O Orlando é distribuidor, mas, ao mesmo tempo, representa um mesmo elemento que, por vezes, atua em mais de um elo da rede.

CAPÍTULO 3

A ORIGEM DOS VENDEDORES DE MANDIOCA: O MIGRANTE SAZONAL DO NORTE DE MINAS.

Os vendedores de mandioca em carrinho de mão de que tratou essa investigação tal como já dissemos são originários da área rural do Município de Taiobeiras no Norte de Minas.

Para conhecer o local de origem destes trabalhadores migrantes mineiros, fomos ao norte de Minas e observamos que lá a migração em busca de trabalho é bastante alta em Taiobeiras. Que através de uma rede de parentesco que se estabelece no lugar de origem, os mineiros de Taiobeiras contatam por proximidade de relações de parentesco pais, tios, irmãos, primos, padrinhos, afilhados e no local de destino organizam alojamentos de parentes para venda de mandioca.

3.1. O Norte de Minas: os geraizeiros encurralados pelo eucalipto.

O Norte de Minas é uma das regiões mais pobres do país. Ali os que não migram, vivem em grande parte de programas sociais do governo:

O Município de Taiobeiras recebeu, em abril, R\$ 249 mil em recursos para 2,9 mil famílias inscritas no Bolsa Família. A cidade tem 75 crianças no PETI, 1.343 idosos e pessoas com deficiência no BPC, um CRAS, um CREAS, 253 cisternas, três Cozinhas Comunitárias e 25 produtores de leite que fazem parte do PAA Leite e que fornecem 1,1 mil litros por dia.
(Jornal o Norte de Minas)

A povoação da área do Município de Taiobeiras teve sua origem ligada ao ciclo da mineração, quando tudo ali ainda era conhecido com o nome Rio Pardo de Minas. A povoação teve sua origem na mineração de ouro e diamantes praticada por portugueses. O Município de Taiobeiras é um desmembramento do Distrito de Rio Pardo criado pelo governo provincial em 1840:

Distrito criado com a denominação de Rio Pardo, pela lei provincial nº. 167, de 15-03-1840.e lei estadual nº. 2, de 14-09-1891. Elevado à categoria de vila com a denominação de Rio Pardo, pelo decreto de 13-10-1831. Sede na antiga povoação de Rio Pardo. Instalada em 26-08-1833. (...). Pela lei estadual nº 556, de 30-08-1911,

foram criados os distritos de Bom Jardim das Taiobeiras e Nossa Senhora da Ajuda da Veredinha e anexados ao município de Rio Pardo. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 6 distritos: Rio Pardo, Nossa Senhora da Ajuda da Veredinha, Nossa Senhora do Patrocínio da Serra Nova, Santana da Água Quente, São João do Paraíso e Bom Jardim das Taiobeiras. Assim permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920. Pela lei estadual nº 843, de 07-09-1923, desmembra do município de Rio Pardo o distrito de Taiobeiras⁶

O município de Taiobeiras fica no Vale do Jequitinhonha, na Região norte de Minas.

Mapa 1- Localização de Taiobeiras no Estado de Minas Gerais.

Fonte: IBGE (Org. Kelle Cristina Silva Alves)

⁶ www.ibge.gov.br

A população de Taiobeiras, tal como descreveu Nogueira (NOGUEIRA: 2009) apresenta características dos geraizeiros do norte de Minas.

No mês de janeiro de 2008 viajamos durante vinte dias para o Norte de Minas Gerais na região do Médio Vale do Jequitinhonha. Neste mês do ano a maioria dos migrantes sazonais ainda está no seu local de origem e coincide também com o período de férias escolares, o que permite, deste modo, encontrar nas visitas aos domicílios dos migrantes toda a sua família.

Visitamos a cidade de Araçuaí, Jenipapo de Minas, Chapada do Norte e Taiobeiras e Salinas. As áreas rurais das cidades do Norte de Minas são de difícil acesso localização sem a ajuda de um guia. O acesso para muitas localidades era feito percorrendo o leito seco de algum rio temporário, trilhas na mata de vegetação de pouca altitude e espessa ou nas poucas “rodagens” de chão batido sem nenhuma sinalização, que possa indicar a quem é de fora da localidade, o rumo para lá ou para cá. Em inúmeros percursos nessas áreas rurais éramos guiados por crianças. Elas conheciam cada palmo de mata e trilha. As casas, distantes cerca de quatro a cinco quilômetros uma das outras, em geral eram moradias de tios, avós, padrinhos dessas crianças que apesar da distância as conheciam todas com pormenores.

No município de Taiobeiras visualizamos a área rural somente de dentro do ônibus ao longo da rodovia. Posteriormente já em São Paulo o mandioqueiro José nos presentearia com algumas fotos dessa área rural. Na cidade de Taiobeiras visitamos a área central e a sede da Câmara Municipal. Perguntamos ao presidente da Câmara Municipal de Taiobeiras, qual o principal problema do Município, em sua opinião, ao que ele nos respondeu que era a migração. Além disso, ele declarou que o governo estava implantando faculdades na localidade para formar mão de obra qualificada, de modo a atrair indústrias para Taiobeiras. A crença era que sem ter um quadro de mão de obra qualificada no município, não adiantaria trazer indústrias para Taiobeiras porque os seus moradores continuariam excluídos do acesso a esses postos de trabalho. Portanto era necessário primeiro formar uma oferta de mão de obra para postos de trabalho qualificado e depois estimular a formação de demanda de postos de trabalho qualificado.

Perguntamos ao presidente da Câmara dos Vereadores de Taiobeiras para onde os seus munícipes migravam. Ele afirmou que eles migravam para o corte da cana durante a safra da cana, para colheita de tomate na safra do tomate, para a colheita do

café na safra do café e para Vitória da Conquista nos períodos de veraneio. Para ele Taiobeiras só ia superar esse problema criando condições de acesso ao trabalho para os moradores locais dentro do próprio município. De acordo com o presidente da Câmara dos Vereadores de Taiobeiras os ocupantes dos postos de trabalho qualificado na cidade são majoritariamente de fora da cidade. A empresa vem para Taiobeiras já com os postos de trabalho qualificado preenchidos com trabalhadores da localidade de origem da empresa.

No Centro Comercial de Taiobeiras encontramos os seguintes equipamentos e mercadorias tais como: mini Dvd's virgens para funcionamento de filmadoras "Sony", Lan House, Banco Bradesco, Banco do Brasil, Loja de motocicletas novas e loja de automóveis novos.

Viajamos para Taiobeiras saindo da cidade de Araçuaí, como já dissemos, também no Norte de Minas. Durante todo o trajeto o movimento nos pontos de parada do ônibus era de embarque de moradores da área rural com queijos, banana, pequi e outras mercadorias rurais para vender no sábado na feira e no mercado de Salinas. Aos sábados é o dia da feira nas cidades do Norte de Minas. Os moradores das áreas rurais se dirigem às cidades para comprar ou vender produtos.

Além dos que embarcavam, observávamos no trajeto que muitos chegavam à cidade de Salinas de charrete ou montados em cavalos, estes com jacás de palha carregados nos dois lados. Em frente ao abarrotado mercado municipal da cidade de Salinas a semelhança dos mandioqueiros objeto desta investigação. Os meninos carregadores de compra aguardavam trabalho sentado, um ao lado do outro, nos carrinhos de mão vazios na Praça em frente ao mercado. Então nos apresentamos e falamos de nossa cidade de origem, capital de São Paulo, e sobre a pesquisa com trabalhadores de Taiobeiras. Pedimos então autorização deles para tirar uma foto. Ao que um deles replicou dizendo com admiração:

___ São Paulo! Vocês têm tanta coisa boa lá e quer tirar "um foto" daqui! pra quê?. Sorrimos e perguntamos se já podíamos fotografá-los. Agradecemos pela foto e fomos embora.

Em frente à rodoviária de Salinas, aguardando ônibus para viajar para Taiobeiras, fotografamos de longe um desses carregadores foi fotografado retornando com o carrinho vazio depois de ter realizado uma entrega. Também flagramos uma moto carregada com duas caixas cheias de mercadorias realizando uma entrega. Observamos que o trabalho citadino mais comum dentre os meninos vindo da roça, em

frente ao mercado de Salinas, é os de carregadores no carrinho de mão. Ver fotos desse tipo trabalho no centro urbano da microrregião de Salinas no norte de Minas.

Foto-4 Carregadores de compra em carrinho de mão

Crédito: Maria Creuza Gonçalves

A chegada à cidade de Taiobeiras ocorreu por volta das onze e meia da manhã. O Mercado Municipal da cidade estava fechado para reforma. Os comerciantes que têm seus pontos de venda no Mercado Municipal de Taiobeiras estavam com suas barracas montadas na praça em frente ao mercado. Muitas estavam desarmadas. Perguntamos a um dos comerciantes da Praça de Taiobeiras o porquê de tantas barracas estarem desarmadas, ao que ele respondeu que aos sábados, principalmente, quem pode leva suas mercadorias para Salinas para vender lá no mercado municipal.

Foto 5- Antigo Mercado Municipal de Salinas

Fonte: LISBOA, Abdênago. Octaciliada: Uma Odisséia do Norte de Minas.

O Mercado velho de Salinas, foi construído e inaugurado em 1910, no mandato de Virgílio Avelino Grão Mogol, então presidente da Câmara de Vereadores e Agente Executivo (cargo equivalente ao de prefeito, atual). Aos sábados, a população do município e região se aglomerava para vender e comprar produtos da terra; hábito que não existe mais. No local foi construído um novo mercado que não tem o mesmo glamour do antigo. A imagem da foto é apenas uma lembrança do passado.

Mapa 2- Localização do Município de Taiobeiras

Fonte; Geominas. Org. Maria Creuza Gonçalves

BRITO(2006), ao estudar o impacto das monoculturas de eucalipto no Norte de Minas, revela as estratégias de sobrevivência e resistência dos moradores das áreas atingidas. A implantação da monocultura de eucalipto, verdadeiro maciços florestais, destinava-se a produção de carvão para o pólo siderúrgico de Minas Gerais. Brito expõe as formas de relação dos moradores dessas áreas com o território, antes e depois da implantação dos maciços florestais. Essas comunidades tradicionais, na década de 1980 tiveram suas terras expropriadas para a implantação da monocultura de eucalipto, passados 25 anos, movimentou-se no sentido de retomar seu território.

A partir das informações coletadas por Brito, em sua, pesquisa realizada na comunidade, ela observou que a implantação da monocultura do eucalipto não ajudou a melhorar as condições socioeconômicas locais, pelo contrário, expropriou as terras dos lavradores sem qualquer contrapartida, gerando consequências negativas no que se

refere ao meio ambiente, à renda, à concentração de terra e à desestruturação da forma de vida. Contudo, a monocultura não conseguiu desarticular totalmente a comunidade, que utilizou diversas estratégias como, a migração temporária, as aposentadorias e a assistência social governamental, para se manter em seu território, até o surgimento da possibilidade de reapropriação de suas terras. Os mandioqueiros migrantes mineiros, dos quais tratamos nesta investigação, são originários de Taiobeiras, mas também mencionam como local de origem a Fazenda Muzelo.

A Fazenda Muzelo é terra devoluta, na área rural do antigo município de Rio Pardo de Minas que, foi dividido em dois: Rio Pardo de Minas e Indaiabira, ambos limítrofes ao município de Taiobeiras na Região do Vale do Jequitinhonha na região do Vale do Jequitinhonha.

Nos depoimentos o mandioqueiro José, faz referências às localidades de Currais Novos à Fazenda Muzelo.

De acordo com o Diário do Legislativo do Estado de Minas Gerais a Fazenda Muzelo localiza-se no Município do Rio Pardo de Minas. Ela compõe a gleba do espólio de Rosa Guilhermina de Jesus⁷ disponibilizado pelo estado ao ITER-Instituto de Terra para Reforma Agrária.

Na Fazenda Muzelo os mineiros vivem em situação de extrema miséria e habitam taperas, inclusive, até dezembro de 2007, não possuíam sequer luz elétrica⁸. A região do Alto Rio Pardo constitui-se num território de disputa entre pequenos agricultores de roças de subsistência e plantadores de eucalipto para produção de celulose para a indústria de papel além, de servir de combustível destinado à abastecer as siderúrgicas mineiras.(NOGUEIRA; 2009).

⁷ Diário do Legislativo de 17/04/2008. Estado de Minas Gerais. “Tendo em vista o disposto no inciso XXXIV do art. 62 e no inciso II do § 9º do art. 247 da Constituição do Estado, encaminho a Vossa Excelência, para exame e aprovação dessa Egrégia Assembléia Legislativa, os processos rurais, com relação nominal, localização, município e área, a serem alienados ou concedidos pelo Instituto de Terras do Estado de Minas Gerais - ITER. (..) Espólio de Rosa Guilhermina de Jesus, Fazenda Muzelo Rio Pardo de Minas .

⁸ “ Francisco Ferreira Nascimento mostra em foto o motor elétrico que comprou após a chegada da energia elétrica à Fazenda Muzelo” A chegada da energia elétrica à localidade possibilita a melhoria da qualidade de vida das famílias. *FURNAS | PROGRAMA LUZ PARA TODOS – INFORME REGIÃO SUDESTE GOIÁS ANO II número 22* . pág.10.

Foto 6- O motor elétrico

Francisco Ferreira Nascimento mostra o motor elétrico que comprou para Trabalhar após a chegada da energia elétrica à Muzelo. Fonte: FURNAS: Programa Luz para todos.

A Fazenda Muzelo é composta de pequenos agricultores que produzem arroz, milho, mandioca, cana de açúcar e leite. Essa atividade do plantio, segundo os mandioqueiros, é realizada durante o “mês das águas”, que é como estes trabalhadores na venda de mandioca porta em porta nas ruas de São Paulo denominam os meses chuvosos do ano. O mandioqueiro José diz ser morador da Fazenda Curral Novo, em Taiobeiras. Ele disse que a Fazenda Curral Novo faz divisa com a Fazenda Muzelo. Através de uma foto no celular ele mostrou a ponte de madeira que foi construída para a passagem da Fazenda Muzelo para Fazenda Curral Novo.

Foto7- ponte de Madeira

Ponte de madeira construída em 2009 pelo governo de Minas sobre o Rio Pardo, em Muzelo.. À esquerda, crianças nadam no rio e à direita mulheres lavam roupa no rio.
Crédito: José Valdeni (o mandioqueiro José)

A Fazenda Muzelo compõe uma das comunidades da microrregião denominada Alto Rio Pardo de Minas. Esta microrregião, do ponto de vista de Nogueira (NOGUEIRA: 2009), faz parte do que se denominou população tradicional, em vários campos das ciências humana. Nestas populações tradicionais o trabalho coletivo e a ajuda mútua são laços fortes:

O trabalho coletivo e a ajuda mútua entre as famílias que se reconheciam como parte de uma unidade de parentesco e/ou vizinhança também contribuíam para fortalecer os laços entre os geraizeiros e seu sentido de pertença ao lugar. Assim, a abertura de um roçado, o plantio ou a colheita das roças, a construção de uma casa ou a cata de pequi nos gerais, a ida e volta a cidades próximas para comparecer às feiras, a visita a fazendas e vizinhos para festas religiosas ou seculares, bem como a peregrinação a santuários, como o de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, eram atividades que integravam a rotina de sociabilidade entre os Geraizeiros. Essa dinâmica constituiu uma rede ampla de relações, ligando as famílias umas às outras por obrigação mútua, numa experiência que permitiu o desenvolvimento de uma consciência de grupo.(NOGUEIRA: 2009,98)

Os vendedores de mandioca em carrinho de mão da Rua Demétrio Levides, por nós entrevistados, afirmam que deixam seus locais de origem devido à falta de toda sorte de recursos para sobrevivência. Desse modo, vem para a periferia da metrópole paulista vender mandioca e parte do que sobra da reprodução da sua sobrevivência na metrópole, enviam para seus familiares: mães, esposas, filhos, para garantir a sobrevivência deles lá no seu local de origem. No caso específico do trabalho dos migrantes mineiros na venda de mandioca em carrinho de mão nas ruas de São Paulo é só o homem que parte para o local de destino em busca dos meios de sobrevivência para quem fica, garantindo a posse familiar da terra.

Tal como já dissemos no capítulo 1, quando tratamos da família do mandioqueiro, os migrantes mineiros dos alojamentos da Rua Demétrio Levides têm uma compreensão das relações de parentesco bastante similar ao que descreve Nogueira, acerca do modo de vida dos geraizeiros. Inclusive é recorrente nos seus discursos o retorno para seus locais de origem para a festa junina. A festa parece ser, de fato, um elemento bastante constitutivo na vida dos migrantes mineiros, foco deste estudo. Tomando por base Nogueira (NOGUEIRA:2009), os vivem encurralados pelo eucalipto. Nogueira lembra que o governo de Minas Gerais articulou uma ação de intervenção já na década de 1960 sobre as terras consideradas devolutas, praticamente inexploradas no norte de Minas Gerais e nas planícies dos campos cerrados. Para tanto, segundo Nogueira:

cria a Ruralminas, em 1966, encarregando-a de representar o Estado na legitimação da propriedade, uso e reintegração de posse e discriminação de terras devolutas de Minas Gerais – conforme as determinações do Estatuto da Terra, promulgado quatro anos antes. Desse modo, é que passam a integrar o patrimônio da Ruralminas vastas extensões de terra do Noroeste e Norte do estado e Vale do Jequitinhonha, sobretudo as mesmas *vastas planícies dos chamados campos cerrados* – ou gerais.(NOGUEIRA:2009,139)

(GALIZOLI: 2000) diz que as firmas plantadoras de eucalipto não empregam todos os geraizeiros, e além de manter desempregados os geraizeiros, provocam a migração permanente para as médias e pequenas cidades e a migração sazonal que passou a ser alternativa constante de trabalho e renda para esses camponeses e, sobretudo, para a nova geração:

Galizoli refere-se a mudanças relativas à extensão da terra disponível, que resultaram na intensificação de seu uso, mas também em alterações internas na organização familiar. Não podendo as *firmas* plantadoras de eucalipto

manter empregados os Geraizeiros, além da migração permanente para as médias e pequenas cidades, a migração sazonal passou a ser alternativa constante de trabalho e renda para esses camponeses – sobretudo, para a nova geração. O tradicional padrão de herança por partilha (idealmente) igualitária da terra, orientado pela noção da terra livre para o trabalho, como fora no passado, não se viabilizava mais. Sendo a unidade social entre os Geraizeiros a família conjugal e neolocal, que se apropria de forma individualizada de uma porção de terra para o estabelecimento do complexo casa/chácara/roçado, poucos puderam permanecer nesses moldes, já que as terras foram substancialmente reduzidas. Desse modo, para a grande maioria, a migração, permanente ou sazonal, se tornou uma realidade incontornável. Muitos rapazes e moças passam o período *da seca* trabalhando em outras regiões, o que significa permanecer seis a sete meses do ano fora de casa, empenhando sua força de trabalho em lavouras *do sul* - de Minas e São Paulo, comumente no corte de cana e na colheita do café. Retornam na época das águas para ajudar a família nas próprias lavouras - normalmente os pais e alguns irmãos que, por ventura, tenham ficado à espera, *cuidando do seu*. Vários autores já apontaram que herança e migração podem, em muitos casos, serem aspectos complementares. (NOGUEIRA:2009,156)

3.2. A arregimentação dos migrantes mineiros pelo gato no norte de Minas: as redes sociais e o mercado de intermediação de mão de obra caipira para trabalhar na metrópole paulista.

A rede social dos parentes e conterrâneos migrantes de Taiobeiras, que vem para São Paulo vender mandioca em carrinho de mão é organizada em turmas de venda de mandioca, que dividem alojamentos em cômodos alugados, na periferia da metrópole paulista. Tomamos para investigação da rede o caso do alojamento dos mandioqueiros da Rua Demétrio Levides. Esta rede vai do mandioqueiro ao distribuidor de mandioca, que busca a mandioca na roça para distribuir nos alojamentos na cidade. Os principais laços das relações de parentesco presentes na rede são: pai, filho, sobrinho, primo, padrinho, afilhado e conterrâneo.

Os migrantes mineiros que chegam à metrópole paulista são arregimentados nos seus locais de origem por parentes que examinam apenas se são bons trabalhadores e bons pagadores. O líder de cada alojamento, a cada vez que retorna para seu local de origem, volta para São Paulo com dez, até doze novos mandioqueiros. Isso porque a rotatividade entre eles é muito alta. Muitos mandioqueiros não se adaptam à dureza do trabalho e retornam para o seu local de origem. Isso ocorre com a maioria dos mandioqueiros. Poucos deles ficam por anos a fio trabalhando na venda de mandioca,

como é o caso do José, do Ilton, do Francisco, do Silsio dentre outros que há mais de oito anos trabalham na venda de mandioca.

O estado de Minas Geral juntamente com o estado do Mato Grosso figura nas estatísticas do Ministério Público Brasileiro entre os estados com o maior número de intermediadores de mão de obra do Brasil. Esses intermediadores de mão de obra rural figuram, em muitos casos, de trabalho escravo, trabalho infantil e o tráfico de mão de obra.

As alternativas de modernização da agricultura brasileira adotadas no Brasil nos anos 1990 são poupadoras de mão de obra, fenômeno este que favorece e incentiva a migração de trabalhadores do rural para o urbano em busca de trabalho.

No Norte de Minas isso não foi diferente. A partir da década de 1990, intensificou-se ali o cultivo da monocultura de eucalipto. A expansão do plantio desta árvore encurralou o território das roças de subsistência e muitos trabalhadores rurais rumaram para as cidades em busca de meios de reprodução de suas existências.

Diante do aumento da demanda de trabalho no meio urbano, da escolaridade, facilidades de acesso às novas tecnologias de comunicação e da informática, as empresas brasileiras mudaram sua forma de arregimentar trabalhadores. O mercado de arregimentação de força de trabalho no meio urbano desde os seus primórdios no Brasil ocorreu via intermediação. Na década de 1990, frente ao crescimento do desemprego estrutural devido à aceleração da crise do capitalismo, as centrais sindicais se organizam como mediadoras para recolocação no mercado de trabalho. Como já dissemos, segundo (GUIMARÃES: 2006) a demanda de trabalho na Região Metropolitana a partir da década de 90 se resolve, sobretudo, por meio de intermediações. A RMSP é o palco central desse crescente mercado de intermediações para conseguir trabalho.

Antes de 1990, o meio mais comum de conseguir trabalho era ir direto à empresa que estava admitindo. O “demandante”, muitas vezes, faltava ao seu emprego, se era o caso de estar empregado e querendo mudar de emprego, enfrentava em geral, enormes filas para se submeter aos testes que eram feitos na própria empresa para

conseguir trabalho. Da década de noventa em diante, observamos uma mudança significativa no modo de conseguir trabalho na RMSP.

A partir dos anos de 1990 ocorreram mudanças radicais nas relações sociais e de trabalho. A principal delas foi, sem dúvida, o fortalecimento das redes sociais: *network* ou rede de relações de afinidades e parentesco para conseguir trabalho. Para trabalhar na venda de mandioca trabalhar na venda de mandioca não foi diferente. Essa rede de parentesco tem os mesmos princípios da *network*.

O economista Marcio Pochman (2009, A6) diz que observou que a chamada “rede social” também influencia na hora da contratação:

Que as empresas têm uma lista de pessoas interessadas em trabalhar. Quem forma lista é quem já trabalha que na maior parte das vezes, são os não pobres. “Vai se criando essa rede de relações sociais”. E que em sendo assim, o pobre tem dificuldade para ser empregado. Que segundo dados do Ipea, estão sem trabalhar 34,5% dos pobres com 11 ou mais anos de escolaridade. Ao mesmo tempo, somente 9,4% dos analfabetos pobres não têm emprego. (Jornal Primeira Página. Avenida São Carlos, 1799. Centro- São Carlos-SP, 23 de set. 2009), p.A6)

Os aspectos mais visíveis das mudanças pós 1999 foram: o desaparecimento das filas de demandantes por trabalho na porta das empresas e sua substituição pelos currículos virtuais, bem como a transferência das filas das empresas para mercados de intermediação, tais como os sindicatos, o SINE – Sistema Nacional de Emprego e principalmente as agências privadas. As antigas agências privadas não desapareceram, ao contrário, metamorfosearam-se e se multiplicaram enormemente num complexo mercado de intermediações de atendimento às demandas de trabalho.

As agências privadas sofreram um intenso processo de “informalização”, por meio de redes sociais, para conseguir trabalho. Fora isso, as pesquisas de emprego também revelam que a inserção no mercado de trabalho no Brasil, diferente de outros países, ocorre mais por indicação do que por mérito.

Acredita Guimarães que o encolhimento dos postos de trabalho aumentou a oferta de demandantes por trabalho, criando uma opacidade na relação oferta e procura. Isso teria levado as empresas a recorrer às redes de intermediações para preencher postos de trabalho.

A rede social dos migrantes mineiros mandioqueiros é conformada na rede de fornecimento de mandioca nos alojamentos estruturada por relações de parentesco e conterraneidade. Esta rede se estende desde o mandioqueiro que vende a mandioca no carrinho de mão porta em porta ao distribuidor de mandioca que traz a mandioca da roça para vender na metrópole paulista.

No processo migratório, esses mandioqueiros são arregimentados sempre por um parente próximo; inclusive quando se trata de menor de idade, este fica sob a responsabilidade de quem o trouxe, não do responsável pela organização do alojamento. Os mandioqueiros são observados por seus parentes nos locais de origem quanto aos seus comportamentos em relação à convivência grupal. Antes de convidá-lo para vir para o alojamento, o parente observa se ele é bom pagador, se cumpre com a palavra naquilo que se compromete. O jovem migrante investigado vem vender mandioca, mas sempre com a esperança de encontrar um emprego com carteira assinada. Porém, as mudanças ocorridas no mercado de trabalho, sobretudo a partir da década de 90, implicou em modificações na forma de procurar trabalho, na RMSP.

O SINE dificilmente encontraria posto de trabalho para colocação desses trabalhadores, constringendo-os por meio de retornos constantes de madrugada enfrentando longas filas e, ao ser atendido, ser recorrentemente dispensado em virtude de “falta de qualificação”. Neste sentido, as redes sociais são formas de resistência que tende a romper com o discurso uníssono do pretenso desemprego, em virtude da “desqualificação” para o mercado de trabalho.

Neste sentido, entendemos que o modo de organização dos migrantes mineiros em redes sociais revela a conformação de uma rede de intermediação de mão de obra caipira que garante este tipo de trabalho na metrópole, tomando-se por base a sua qualificação profissional, ou seja, este mandioqueiro é, a nosso ver, qualificado para vender mandioca.

Um dos primeiros arregimentadores dos mandioqueiros do alojamento estudado foi o do próprio Senhor Orlando que já conhecia muitos turmeiros de apanhadores de café e arrancadores sazonais de mandioca. Os seus arregimentados

passaram a vir para a metrópole paulista, onde arrumava um terreno baldio na periferia da cidade para o distribuidor descarregar as caixas de mandioca.

O conceito de rede, segundo(HAESBAERT, 2000), origina-se com o próprio capitalismo. Já que é com a emergência do capitalismo que as redes ganham significância para o entendimento do real:

O conceito de rede nasce com o próprio capitalismo, e os primeiros pesquisadores que irão utilizá-lo aparecem no século XIX, quando tentam explicar determinadas formas espaciais cada vez mais articuladas, vários tipos de rede dentro das cidades (...), diversas redes técnicas construídas para destruir e reordenar territórios que com, o surgimento do imperialismo, irão incluir os próprios circuitos do capital financeiro.(HAESBAERT:2000)

Estamos de acordo com Haesbaert de que o conceito de rede nasce com o próprio capitalismo e que esta ideia que precede o capitalismo mercantil, tinha um uso genérico e que é a partir daí que as redes ganham significância e desse modo se formaliza, de fato, o conceito, a ideia de rede para explicar, conexões, ligações e nós. Acreditamos, no entanto, que é a partir do Pós Segunda Guerra Mundial que o conceito, de fato, define-se como tal para explicação de singularidades postas pelas mudanças do real.

A noção de conceito se reporta à ideia geral que se tem de uma determinada coisa. O debate acerca de redes sociais é recente na geografia. A noção de rede, trazida por Haesbaert, contudo, corrobora a noção de redes sociais tal como entendida por seus pioneiros na antropologia inglesa. Nos estudos: Barnes e Both, autores que começaram a usar sistematicamente o termo “redes sociais” na comunidade científica na década de 1950, levando para a sociologia os padrões de laços de parentesco que conformava de modo significativo à sociedade do pós-guerra. Barnes e Both introduzem o conceito de redes nas ciências sociais para explicar a sociometria em uma ciência social quantitativa. A realidade dos anos de 1950 na Europa se caracterizava pela situação de reconstrução do que havia sido devastado pela Guerra de 1939 a 1945; os países se viam em situação de plena escassez e devastados pela guerra. A rede, a nosso ver, afirma-se nitidamente como conceito no pós Segundo Guerra Mundial. É por volta dos anos 1950, que a expressão “redes sociais” foi usada pela primeira vez por Barnes. Em 1954, Barnes começou a usar o termo redes sociais sistematicamente para mostrar os padrões

dos laços, incorporando os conceitos tradicionalmente usados quer pela sociedade (senso comum), quer pelos cientistas sociais.

É neste cenário de pós Guerra que os antropólogos dos anos 1950, Barnes e Both, desviaram a sua atenção dos sistemas culturais para os sistemas de redes de relações sociais e desenvolveram o conceito de rede social. Na antropologia, o estudo de Barnes sobre Bremmes, uma comunidade norueguesa, realizado no início da década de 1950, é considerado pioneiro no estudo das redes sociais. Em um destes estudos, Barnes analisa ali laços de parentesco, amizade e conhecimento, os quais concebe como uma rede: rede de relações. O conceito revelou-se importante também para a compreensão de processos sociais fundamentais como o acesso ao emprego ou a cargos políticos. Para Barnes (1972) não existe uma teoria das redes sociais, sendo possível apenas à adaptação da noção de rede às diversas teorias. Barnes em sua análise de redes ressalta o seguinte critério; o qual julga importante para análise de rede: tamanho da rede, ou seja, o número de unidades na rede.

Elizabeth Both (1976) foi uma das primeiras antropólogas a usar a noção de rede enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre pessoas, seus elos pessoais e entre organizações. Os estudos de Elizabeth Both chamaram atenção da comunidade científica para o conceito de rede social. A pesquisa dela sobre a família e as redes de relações sociais defendia a idéia de que a dinâmica da estrutura familiar depende não apenas do comportamento dos seus membros, mas também das relações que estes estabelecem com outros, ou seja, de que a estrutura da rede de parentes, amigos, vizinhos e colegas têm influência direta na definição das relações familiares (Both, 1976).

Todavia (RATTNER: 1977) destaca a importância também de Gustave Le Bon, Joseph Pratt e Kurt Lewin da psicologia social que antecederem os antropólogos ingleses Barnes e Both, entre os pioneiros nos estudos dos fenômenos grupais. Le Bon escreveu o livro *Psicologia das multidões*, no momento em que a população mundial se aproximava de um bilhão de pessoas.

Nesta obra, o autor apresenta uma proposta teórica para o entendimento do comportamento da massa humana que caracteriza as “multidões”. Pratt descobre a psicoterapia de grupo, começando com reuniões com tuberculosos em um ambulatório

em Chicago, em 1905, e Kurt Lewin desenvolve investigações acerca da diferença de tipos de grupos a partir do estudo de liderança (grupo democrático, autocrático e *laissez-faire*) e métodos grupais eficazes para provocar mudança no comportamento das pessoas.

Os estudos de Lewin pós Primeira Guerra e próximo da eclosão da Segunda Guerra enfocavam a mudança de hábitos alimentares (era interesse político e econômico, devido à escassez da época de guerra, que a população passasse a consumir miúdos e outras partes menos valorizadas da carne bovina). O método grupal mais eficaz que o popularizou foi a invenção da “dinâmica de grupo” como método para provocar mudança de comportamento. Milton Santos tratou da questão da lógica das redes abordando as diferenças entre a ordem global e a local, particularmente em relação ao espaço.

Milton Santos (SANTOS, 1996:214) correlaciona a não homogeneidade dos espaços à não homogeneidade das redes Segundo ele: “Num mesmo subespaço, há uma superposição de redes, que inclui redes principais e redes afluentes ou tributárias, constelações de pontos e traçados de linhas.”

O autor diz isso para enfatizar que através das redes podemos reconhecer três níveis que articulam o global, o regional e o local; ou seja, o nível mundial; o território, o país ou Estado e o lugar. Nesses níveis, fragmentos de rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta. Que as redes têm um movimento dialético de oposições, confrontos e alianças. E que os sistemas de poder interferem em todos os seus níveis. Que as redes são virtuais, mas também, são técnicas, sociais ora estáveis ora dinâmicas. E que elas incluem em si um movimento social de dinâmicas, ao mesmo tempo locais e globais, reveladoras da tensão entre forças de globalização e de localização. Continua Santos (SANTOS, 1996:222) dizendo que:

Mediante as redes, há uma criação paralela e eficaz da ordem e da desordem no território, já que as redes integram e desintegram, destroem velhos recortes espaciais e criam outros. Quando ele é visto pelo lado exclusivo da produção da ordem, da integração e da constituição de solidariedades espaciais que interessam a certos agentes, esse fenômeno é como um processo de homogeneização. Sua outra face, a heterogeneização, é ocultada. Mas é igualmente presente.

A ordem global impõe sua racionalidade como única, a todos os lugares especificamente à ordem local, diz Santos (1996) que essas duas ordens, global e local, ainda que aparentemente opostas, são interdependentes, mas indicam lógicas diferentes. Ou seja, a ordem global é associada a algumas populações esparsas, pautadas em escalas superiores, onde a solidariedade é produto da organização, onde se daria a busca contínua por informação. A ordem local está associada a uma população reunida pelo território, pautada na escala do cotidiano, onde a organização seria produto da solidariedade, e onde se daria a busca por comunicação.

Castells, por outro lado, descreve diversas noções de rede. Suas descrições nos induzem a pensar, tal como Haesbaert, que a noção de rede, de fato, é uma invenção própria do capitalismo. Diz Castells (CASTELLS, 1996, 498) que a rede:

(...) É um conjunto de nós interconectado. Nó é um ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que o nó é depende do tipo de rede que falamos (...). A topologia definida por redes determina que à distância (ou intensidade e frequência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais frequente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede. Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância ou a mesma distância entre os nós. Portanto, à distância (física, social, econômica, política, cultural) para um determinado ponto varia entre zero (para qualquer nó da mesma rede) e infinito (para qualquer ponto extremo à rede). A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções dominantes em nossa sociedade.

Para Castells, as redes são estruturas abertas, com possibilidades de expansão ilimitadas se os novos nós compartilharem dos mesmos códigos de comunicação. Castells identifica a lógica das redes como uma das características de qualquer sistema nas novas tecnologias da informação devido à complexidade das interações.

O fornecimento de mandioca mobiliza toda rede de mandioqueiros. A rede de mandioqueiros é marcada por particularidades que a distinguem das redes tecnológicas e das redes sociais apresentadas. Ávidos por encontrar um preço mais baixo pela caixa de mandioca e assim auferir um lucro maior na venda do quilo da mandioca porta em porta. O mandioqueiro José, por exemplo, era do alojamento onde ficam os mandioqueiros mais antigos da Rua Demétrio Levides e, há dois anos, desentendeu-se

com seus conterrâneos e parentes mais velhos em relação ao preço cobrado pelo intermediador da compra de mandioca para venda no alojamento. Ele repassava a caixa de mandioca acrescida de um valor fixo de cinco reais, que correspondia ao uso das ferramentas de trabalho que era dele e aos custos de manutenção do alojamento (despesas de água, luz e aluguel do cômodo).

O intermediador repassava a caixa de mandioca e em dois anos já estava comprando mandioca de um terceiro fornecedor, inclusive nem sabe o nome dele; tem apenas o número do celular do último fornecedor. Este mandioqueiro também já abandonou, temporariamente, a venda de mandioca e foi trabalhar em uma transportadora:

Depois retornou para vender mandioca no mesmo alojamento durante algum tempo, em seguida alugou um novo cômodo e arregimentou sua rede de parentes vendedores de mandioca. Disse que saiu do alojamento porque o preço que o pedidor de mandioca passava a caixa de mandioca acrescida da cobrança do uso das ferramentas de trabalho: carrinho de mão, balança, uso da água e alojamento:

Saí lá do Manoel (do Mané) e aluguei um cômodo só pra mim. Depois eu chamei o meu tio, chamei os meus primos para morarem comigo e foi assim.

(O José conta como foi, que deixou o cômodo alojamento de mandioqueiros nos fundos do mercadinho do Maciel onde vivia na Rua Demétrio Levides número cinquenta e um e mudou-se para o cômodo alugado no sobrado do Senhor Guilherme na Rua Demétrio Levides número trezentos e dezessete; conhecido como “casa do meio”. O nome “casa do meio” é pelo fato do sobrado estar localizado aproximadamente na metade da Rua Demétrio Levides.) Eu vendia para o Manoel (o Mané). O Mané pegava a caixa de mandioca por vinte reais e me repassava por vinte e cinco reais a caixa. Esses cinco reais eram para descontar água, aluguel e o uso do carrinho e da balança que eram tudo dele nos dizia e o Mané. Eu por exemplo dou o preço que o Senhor José (José Coelho distribuidor de mandioca da Pira) me passa a caixa de mandioca. O preço que ele me dá eu repasso pros meninos. (disse o mandioqueiro José queixando-se do modo que o Mané administrava o trabalho da venda de mandioca nos cômodos alugados nos fundos do mercadinho do Maciel) Perguntei para o José quem era o pedidor de mandioca no alojamento do Mané? Se era o Ilton ou o Mané? O José nos disse que eram os dois e que o Ilton era cunhado do

Mané. E que o Mané era o mais velho na venda de mandioca ali na Rua Demétrio Levides. E que o Mané é o dono de todos os carrinho e balanças. Então toda caixa de mandioca que eu pegava eu tinha que pagar cinco reais para ele, porque o carrinho e as balanças eram dele. (Depoimento do José, em 19 de maio de 2010)

Agora não o carrinho é meu, a balança é minha. A gente chama pessoas que sabe que vai pagar direitinho e a gente divide tudo (aluguel, água tudo por igual).

Eu perguntei então para o mandioqueiro José como é que arregimenta mandioqueiros lá em Taiobeiras para morar junto para vender mandioca?

A gente vê pessoas que sabe que vai pagar tudo direitinho e chama (respondeu o mandioqueiro José)

Perguntamos então ao mandioqueiro José se já teve daqueles que vieram e ficaram dormindo no alojamento e não trabalham?

“Já. Ele pode ficar dormindo se no dia de pagar as contas ele tiver o dinheiro tudo certinho não tem problema. Tem daqueles que vem e não se adaptam com o serviço. Isso sim. Eu, por exemplo, se eu quiser ficar lá dormindo eu posso. Mas no dia de pagar as contas eu tenho que ter o dinheiro tudo certinho”

De onde veio essa mandioca hoje?

Veio de Santa Rosa. Ele (José Coelho) descobriu um lugar mais perto aqui. Há duzentos quilômetros.

O primeiro passo da mobilidade do trabalho é o deslocamento. Porém, a mobilidade do trabalho não é só o deslocamento espacial. O trabalhador está sempre de prontidão para fazer outra atividade que não a sua, em busca de meios de reprodução da existência.

Póvoa (PÓVOA NETO:1997,19) diz que para pensar o conceito de mobilidade do trabalho nos estudos migratórios:

(...) Deve-se, antes de mais nada, salientar que este enfoque pretende ser, segundo as palavras de seu principal proponente, Gaudemar, muito mais a crítica às teorias da migração do que a tentativa de propor um novo enfoque. No mesmo sentido, aliás, da inspiração teórica em Marx, que pretendia antes uma crítica à Economia política que a criação de uma nova escola. E que contrariamente a Gaudemar, PELLIANO (1990:110) considera que o conceito de mobilidade do trabalho já se encontra implícito na caracterização feita por Marx, ao longo do Livro I do Capital, da categoria trabalhador livre, necessariamente vinculada à mobilidade da força de trabalho em geral e à migração em particular.

No caso dos parentes migrantes mineiros deste ponto de vista:

Não se trata apenas de uma descrição de deslocamentos espaciais de trabalhadores; mais que isso, o conceito marxista de mobilidade do trabalho refere-se à ‘trave mestra de toda a estratégia de desenvolvimento capitalista. (Gaudemar,1977,51 Apud Póvoa:1997,19)

Designa-se, portanto, com o conceito de mobilidade do trabalho:

(...)Um processo abrangente, no qual os homens tornam-se crescentemente disponíveis para a utilização compulsória de sua força de trabalho nos moldes capitalistas. O deslocamento no espaço seria, segundo tal perspectiva, apenas uma dimensão daquele processo⁹. O mesmo implicaria, em primeiro lugar, na produção da força de trabalho, momento da aquisição de sua mobilidade por parte do trabalhador, designado por Marx como sendo o da acumulação primitiva; em seguida, na utilização da força de trabalho, onde se aprofunda a divisão do trabalho; finalmente, na circulação da força de trabalho, momento da submissão do trabalhador às forças do mercado, deslocando-se (espacial e/ou setorialmente) entre os diversos ramos da atividade econômica (GAUDEMAR, 1977:193-5 Apud. PÓVOA, 1997:20)

3.3. A viagem: as idas e vindas e o retorno para a festa de São João no norte de Minas os bares ponto de encontro de migrantes e rodoviária alternativa de migrantes de Taiobeiras - MG.

As idas e vindas entre Taiobeiras, São Paulo iniciam-se com a arregimentação dos mandioqueiros, depois os retornos antecipados nos casos em que o mandioqueiro não se adaptou, o vai e vem das encomendas e com destaque, o grande retorno da “rapaziada” para as festas juninas.

Os mandioqueiros vão em junho para Taiobeiras a fim de participarem das festividades religiosas das suas comunidades de origem. Muitos já ficam por lá e só retornam nos meses de janeiro a junho do ano seguinte. Outros, principalmente os mais novos, vem novamente para São Paulo e trabalham nos meses de julho à setembro. No início do mês das “águas”, retornam para Taiobeiras para ajudarem os seus no plantio de suas roças.

⁹ Diz (Póvoa, 1997,20) que, Vainer propõe o termo “mobilidade migratória” para nomear a “forma (da mobilidade espacial) que está associada ao deslocamento; modalidade, portanto, de desespacialização que coexiste com outras modalidades de deslocalização(...) do trabalhador” (1984:s/p).

Os vendedores de mandioca de que trata essa investigação vêm da área rural do município de Taiobeiras, no Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas, acompanhados de parentes e são, com estes, alojados em cômodos de casas na periferia da cidade.

A arregimentação dos mandioqueiros no seu local de origem não obedece a nenhum tipo de ritual especial. O parente que está precisando expandir os seus negócios de venda de mandioca convidam o parente e este lhe é sempre grato pelo convite e a oportunidade de sair do lugarejo de origem e vir para a cidade grande experimentar uma melhoria da sua condição de vida. Por meio da solidariedade, estruturada por relações de parentesco e suas contradições.

Os mandioqueiros vêm e retornam para Taiobeiras em ônibus “aleternativos”, que sai das proximidades da Rodoviária do Tietê.

Descobrimos os bares e pontos de encontro de migrantes, instigados pelos trabalhos de campo do professor Heinz Dieter Heidmann, no bairro do Brás, ao observar antigos locais de venda de passagens, embarque e desembarque de migrantes nordestinos. Cientes da existência dessa forma de deslocamento de migrantes do seu local de origem para os locais de destino, através de ônibus “alternativo”, passamos a investigar a possibilidade da existência dessa, lógica de deslocamento também entre os migrantes mineiros. Fomos instigados também por uma curiosidade que tínhamos de saber como é que os mandioqueiros levavam e traziam tantas encomendas para Taiobeiras, se só viajavam em geral, duas vezes ao ano para lá. Soubemos que enviavam muitas encomendas por meio do mandioqueiro José. Nos depoimentos do mandioqueiro José, ele sempre dizia que era para o próprio motorista do ônibus que ele entregava suas encomendas e avisava os seus parentes, que haviam permanecido em sua terra natal, para pegarem a encomenda com aquele determinado motorista. Num dos seus depoimentos ele nos disse, que era comum entre eles; os migrantes mineiros vendedores de mandioca, despacharem, aos poucos, suas encomendas para Taiobeiras, porque como, os mandioqueiros gostavam de viajar todos juntos para Taiobeiras, por ocasião das festas juninas ou no retorno no mês das águas, para irem ajudar os seus com o plantio nas roças, mantinham o hábito de irem despachando com antecedência as suas encomendas para seus locais de origem a fim de não pesarem demais no ônibus no dia

da viagem. Entre eles, essa prática comercial é muito intensa. Envia para seus locais de origem: roupas, dinheiro e outros objetos adquiridos na metrópole. Ocorre também o inverso, que é o recebimento de encomenda na forma de mercadorias que são enviadas pelos seus para serem vendidas aqui na metrópole. É comum entre eles comercializarem, queijo coalho, fava e feijão de corda trazido de Taiobeira. Nossa preocupação, então, era saber como é que eles transportavam tantas mercadorias, tanto de Taiobeiras para São Paulo, quanto de São Paulo para Taiobeiras.

E foi assim então, que descobrimos que ao lado do Terminal Rodoviário do Tietê, de onde saem os ônibus da empresa Gontijo com destino a Taiobeiras, a existência de dois bares um ao lado do outro que eram ponto de encontro de migrantes. Um de nordestinos e o outro de migrantes mineiros. E que havia até mesmo um horário certo, de chegada e partida desses ônibus, que era quando esses bares ficavam apinhados desses migrantes, enviando e recebendo suas encomendas. Foi então, que começamos a investigá-los. Indagamos inicialmente motoristas de táxi, do ponto de táxi, que fica ao lado deste terminal rodoviário alternativo e do terminal rodoviário do Tietê, se sabiam de onde saíam os ônibus “alternativos” com destino ao Estado de Minas Gerais. Um dos taxistas, então, orientou-nos a irmos até uma garagem de ônibus ali nas proximidades da Rodoviária do Tietê.

O motorista nos orientou a contornar o estacionamento e ir até a garagem dos ônibus que ficam próximos do terminal rodoviário e perguntar por ali, que sempre via gente aguardando com bagagem e embarcando em ônibus ali em frente à garagem. Disse que, sempre via gente aguardando com bagagem e embarcando em ônibus ali nas proximidades daquela garagem e que de fato tinham dois bares ali nas proximidades da garagem. Ao chegarmos nas proximidades da tal garagem de ônibus, perguntamos no primeiro bar que avistamos se ele sabia, nas redondezas, onde havia dois bares que eram pontos de embarque de mineiros e nordestinos. Ele, naturalmente, disse que para Taiobeiras era ali mesmo naquele local. Acrescentou, inclusive, a informação de que os ônibus com destino a Taiobeiras saía às quartas e nas terças-feiras os migrantes mineiros, com destino a Taiobeiras ou enviados de encomendas, já podem ir colocando-as no ônibus, que fica parado ali mesmo em frente ao bar.

Os mandioqueiros vão em junho para Taiobeiras-Mg, a fim de participarem das festividades religiosas das suas comunidades de origem. Muitos já ficam por lá e só retornam nos meses de janeiro a junho do ano seguinte. Outros principalmente os mais novos retornam e trabalham nos meses de julho e setembro e no início do período

“das águas”, retornam para Taiobeiras-Mg para ajudarem os seus no plantio de suas roças.

Os condutores desses ônibus em geral comem e descansam nos fundos do bar mesmo. Assim estão sempre prontos a resolver eventuais emergências em relação às viagens. Um dos mineiros, que é dono do bar, o adquiriu com as economias que juntou quando trabalhava na empresa Ericsson do Brasil, nas proximidades dessa grande garagem de ônibus ao lado da Rodoviária do Tietê.

Os migrantes mineiros vendedores de mandioca viajam para São Paulo e retornam para Taiobeiras, seus locais de origem, sempre nesses ônibus fretado desse seu conterrâneo de Taiobeiras, que faz ponto em frente desse bar ponto de encontro de mineiros em São Paulo. Os migrantes compram as passagens diretas com o conterrâneo, pessoalmente ou por telefone eles combinam as viagens, o pagamento e o embarque.

O ponto de desembarque na capital paulista é o bar da antiga rua da Coroa, ao lado do Terminal Rodoviário paulista do Tietê, que já foi citado, de onde os migrantes mineiros, mais precisamente os mandioqueiros, são conduzidos em veículos de modelo Kombi, fretada por seu arregimentador, até o local do alojamento na periferia, onde funciona o ponto de venda de mandioca.

A principal referência deste ponto de desembarque de trabalhadores migrantes vindos de Taiobeiras é o bar do paulista criado em Montes Claros, Minas Gerais, ao lado do Terminal Rodoviário do Tietê. Os ônibus pertencem ao mineiro de Taiobeiras do Toco chegam a São Paulo todas as terças-feiras, entre meio dia e duas horas da tarde e retorna para Taiobeiras às quartas-feiras pela manhã. Na Viação Gontijo¹⁰, dentro do Terminal rodoviário do Tietê, o horário de partida é o mesmo do Toco, por volta das nove horas da manhã. Entretanto, parte diariamente para Taiobeiras. O conterrâneo responsável por esses ônibus, chega sempre em caravanas de ônibus lotados de migrantes mineiros, que vêm residir em regime de alojamento e trabalhar na venda de mandioca em carrinho de mão nas ruas da metrópole paulista.

¹⁰ Empresa no Brasil que tem o monopólio da rota de viagem do Município de Taiobeiras no Norte de Minas Gerais, de onde são originários esses migrantes mandioqueiros, para a metrópole paulista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objeto a venda de mandioca de porta em porta no carrinho de mão pelos migrantes mineiros que se deslocam sazonalmente da zona rural do município de Taiobeiras no Vale do Jequitinhonha no norte de Minas Gerais, para a capital paulista; recrutados e acompanhados de irmãos, tios, primos, padrinhos que juntos são alojados em casas de cômodos na periferia da cidade para vender mandioca.

Para conhecer o local de origem desses trabalhadores migrantes mineiros, fomos em áreas rurais do norte de Minas e em Taiobeiras. A migração em busca de trabalho em outras localidades fora de Taiobeiras. Através de uma rede de parentesco que se estabelece no lugar de origem, os mineiros de Taiobeiras contatam por proximidade de relações de parentesco pais, tios, irmãos, primos, padrinhos, afilhados e no local de destino organizam alojamentos de parentes para venda de mandioca. Cada alojamento assemelha-se a uma unidade familiar embora composta só de homens. Os migrantes, de certo modo, reconstroem na metrópole a família, as conversas, as brincadeiras do lugar de origem e com isso, o jeito de ser do lugar de origem do migrante. Esse é o modo de migrar com o lugar. No caso de nosso estudo, o lugar de origem, como já mencionamos, é Taiobeiras, norte do estado de Minas Gerais, já o lugar de destino, são as periferias da gigantesca capital do estado de São Paulo. A atividade de sobrevivência na periferia da metrópole na condição de vendedores de mandioca em carrinho de mão de porta em porta, apesar de se constituir na denominada migração forçada evidencia e muito que a metrópole paulista continua a exercer o lugar privilegiado de terra das oportunidades para esses migrantes. A migração como mobilização do trabalho deve sempre ser compreendida como mobilização forçada, é o que disse Gaudemar..

Em meados de todos os anos eles retornam para a festa no local de origem. Vimos que o próprio deslocamento também se constitui em parte da festa. Os migrantes viajam em ônibus alternativo de um contrerâneo de Taiobeiras, que leva e traz mineiros da origem ao destino e vice-versa.

Os mandioqueiros vão em junho para Taiobeiras, a fim de participarem das festividades religiosas das suas comunidades de origem. Muitos já ficam por lá e só retornam nos meses de janeiro a junho do ano seguinte. Outros, principalmente os mais novos, retornam e trabalham nos meses de julho a setembro e no início do período “das

águas”, retornam para Taiobeiras para ajudarem os seus no plantio de suas roças.

A pesquisa revelou que os mandioqueiros se articulam numa rede de relacionamentos entre parentes e conterrâneos, formando uma complexa rede de migração de mão de obra rural, especialmente vindas do norte de Minas Gerais, para trabalhar na metrópole paulista. A pesquisa revelou que o migrante mineiro vendedor de mandioca na grande cidade e sua forma de organização podem ser lida, sobretudo como uma forma de resistência do trabalho de característica rural na metrópole.

Concluimos que venda de produtos agrícolas em carrinho de mão de porta em porta não é uma invenção dos anos de 1990. Que a invenção moderna é, de fato, seu modo de organização em rede nos moldes, tipicamente capitalistas.

A compra da mandioca desses vendedores informais, na porta em casa, nos possibilitou investigar tanto o trabalho informal quanto a degradação e precariedade do trabalho. Vimos que a jornada de trabalho é por vezes longa e estafante, muitas vezes debaixo de sol forte. Por vezes o mandioqueiro sai as nove da manhã e só retorna as cinco da tarde, por vezes seis da tarde, empreendendo longos percursos para conseguir vender toda sua cota de mandioca do dia em condições de insegurança no trabalho, que se expressa notadamente na falta de seguridade social e na instabilidade de suas condições de trabalho em termos da dependência das condições de tempo da natureza, tal como eles dizem, se o “tempo se afirma”, como possibilidade para sair ou não para às ruas para vender. O que implica estar na “corda bamba” na maioria das vezes, sem ao menos ter garantido para si os meios essenciais de sua própria reprodução.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alice R P; SORJ, Bila (org.). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1993.

ABREU FILHO, Ovídio de. *Parentesco e Identidade Social*. Anuário Antropológico 80. Fortaleza:UFC, 1982, pp.95-118.

AGUIRRE, Brasília Maria Baptiste. *Mercado de Trabalho Rural, Estado e Cooperativismo*. 1986 (Tese de Doutorado). Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

ALVES, Edvaldo Carvalho. *Trabalho precário e terceirização: as cooperativas de produção no Nordeste*. 2002 (Dissertação de Mestrado). Departamento de Ciências Sociais do Centro de educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos.

ALVES, Giovanni. *A Condição de proletariado: a precariedade do trabalho no capitalismo Global*. Londrina: Práxis; Bauru: Canal 6, 2009.

ALVES, Glória da Anunciação. “O Cotidiano difundido na TV” In: *Cidade, como te ver?* 1992(Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. *Do Rural ao Urbano: Tempo e Espaço no Estudo das Migrações. Os Piauienses na Metrópole Paulista*. 1994 (Trabalho de Graduação Individual). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ALVES, Maria Aparecida. “Setor Informal” ou trabalho informal? *Uma abordagem crítica sobre o conceito de informalidade*. Campinas, 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

ANTUNES, Ricardo. “A centralidade do trabalho hoje” In: *A sociologia no horizonte do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 1997 pp. 91-100.

_____. *Os sentidos do trabalho: São Paulo: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas, Editora da Universidade da Unicamp; São Paulo, Cortez, 1995.

_____. (org.) *Riqueza e Miséria do trabalho no Brasil*, São Paulo, editora Boitempo, 2006.

_____. *A erosão do trabalho*. Folha de São Paulo. 05.01.2009.

BALTAR, P. “Estagnação da economia, abertura e crise do emprego urbano no Brasil” In: *Economia e sociedade*. Campinas, IE/Unicamp, nº 6, 1996.

BALTAR, P.E. A. E, DEDECCA, C. S. e HENRIQUE, W. “Mercado de Trabalho e Exclusão Social no Brasil” In: *Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho*-CSIT/UNICAMP. pp. 88-107.

BARNES, J. A. *Social networks*. University Press Manchester, 1972

BARNES, J. A. Redes sociais e processos políticos. In: *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. Org. FELDMAN-BIANCO, Bela. São Paulo: Global, 1987.

BARROS, Nilson Cortez Crocia de Barros. *O Pequeno Comércio no Interior do Nordeste do Brasil: estudo sobre o comércio ambulante na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba*. 1987 (Tese de Doutorado). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. Migrações, urbanização e setor informal: estudo sobre as formas de comercialização em área de emigração para as metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro. In: *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, 1988, pp. 105-112.

BATISTA, V.M. *Reprodução da força de trabalho das famílias dos camelôs de Campina Grande: práticas de sobrevivência*. UFRGN. 1988 (Dissertação de mestrado).

BÉJAR, Héctor, “Reflexiones sobre El sector informal”, Nueva Sociedad (Caracas), n. 90, julho-agosto de 1987.

BECKER, Bertha. K. *Os deserdados da Terra*. Revista Ciência Hoje. Vol.3 n.17. 1985 pp.2-25.

BOTH, E. Família e Rede Social. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRANDÃO, Carlos R. “Parentes e parceiros, relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás” In: ALMEIDA, S.K. et al. *Colcha de Retalhos*, São Paulo:Brasiliense,1982.

BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo*.Petrópolis: vozes,1997.

_____. *Choses dites*. Paris: Lês Éditions de Minuit, 1987.

BRAGA, Thaíz Silveira. *Estrutura e Dinâmica da ocupação informal na região metropolitana de Salvador: uma análise dos anos*. 2003, Dissertação (Mestrado). Instituto de Economia da Unicamp.

BRANDÃO, Carlos Roberto. “Parentes e parceiros, relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás”. In: Almeida, S. K. et al. *Colcha de Retalhos*, São Paulo, Brasiliense,1982.

BRAVERMAN, H. *Trabajo y capital monopolista. La degradación del trabajo em el siglo XX*, Nuestro tiempo. México,1975. [Edición original,1974].

BRITO, Isabel Cristina Barbosa de. *Comunidade, territorio e Complexo Florestal Industrial; O caso de Vereda Funda, Norte de Minas Gerais*. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros.

BRUSCHINI, Cristina; RIDENTI, Sandra. “Desvendando o oculto: família e trabalho domiciliar em São Paulo” In: ABREU. A.R. P.; SORJ, B (Org.). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1993.

CACCIAMALI, M. C. *Globalização e processo de informalidade*. In: *Economia e Sociedade*. Campinas, IE/Unicamp, nº 14, jun. 2000, pp. 74 -152.

_____. *Informalidade e desemprego: rumo ao reconhecimento da cidadania*. Informações. FIPE: São Paulo, nº 243, dez. 2000. p.14-17.

_____. *Setor Informal urbano e formas de participação na produção*. 1983, Tese (Doutorado). Faculdade de Economia e Administração da universidade de São Paulo.

CALIXTO J.S. *Reflorestamento terra e trabalho: análise da ocupação fundiária e da força de trabalho no alto Jequitinhonha, MG*. 2006 Dissertações (Mestrado). Universidade Federal de Lavras em Minas Gerais.

CAMARGO, José F. de. *Êxodo Rural no Brasil: Formas Causas e Consequências Economias Principais*. Rio de Janeiro Conquista. 1960 p. 253.

_____. Migrações Internas e desenvolvimento econômico no Brasil. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, 1958.

CÂNDIDO, Antonio. *Parceiros do rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

CARNEIRO, Maria José. “Juventude Rural: projetos e valores” In: *Retratos da juventude brasileira Análises de uma pesquisa nacional*. ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro. M.(org.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

CARTAYA F., Vanessa, *El confuso mundo del sector informal*, Nueva Sociedad (Caracas), 90, julho-agosto de 1987, pp. 76-88.

CASTEL, Robert. “As armadilhas da exclusão” In: BÓGUS, L.; YAZBEK, M. C. e BELFIORE-WANDERLEY, M. (org.) *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: EDUC, 1997.

CASTELLS, Manuel A. *Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, Noela. *Novos Rumos do Trabalho: mudanças nas formas de controle e qualificação da força de trabalho brasileira*. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica), Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas.

CEAGESP.<http://www.ceagesp.gov.br/institucional/>

CHABARIBERY, Denyse&SILVA, José Roberto da. *Coeficientes Técnicos e Custo de Produção da Mandioca para mesa na Região de Mogi-Mirim, Estado de São Paulo*. Instituto de Economia Agrícola do Estado de São Paulo. Publicações Técnicas. Vol. 36, n.1, Janeiro de 2006. PDF. <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpea/publicações/tec.0106pdf>. Acesso 28 de abr de 2010.

CLACSO(1972) *Migración y desarrollo 4. las relaciones campo-ciudad através Del proceso migratório, consejo lationamericano de ciências sociales*, Buenos Aires, 1977, p.262.

_____. *Migración y desarrollo 6. migraciones y estructura agrárias. Diversos tipos de migraciones no permanentes. Movilidad interna e internacional de fuerza de trabajo. Análisis empírico, proupuestas metodológicas y reflexiones teóricas, consejo lationamoricanos de ciências sociales*, Buenos Aires, 1982, p. 253.

CORTÉS, Fernando. *De marginal a informal: El desarrollo de la discusión en producción social*, FLACSO/Porrúa, México, 1990, pp.125-164.

COSTA, Márcia da Silva Costa. “O Sistema de relações de trabalho no Brasil: alguns traços históricos e sua precarização atual” In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.20 número 59, outubro de 2005, pp. 111-131.

DAMIANI, Amélia. A Urbanização Crítica na Metrópole de São Paulo a partir de fundamentos de La Geografia Urbana. *Egal 2009. Easyplanners. info*.

DEDECCA, Cláudio. *Dinâmica econômica e mercado de trabalho urbano: uma abordagem da Região Metropolitana de São Paulo*. Campinas, 1990. Tese (Doutorado em Economia), Instituto de Economia da Universidade Estadual de Capinas.

DIEESE. *A situação do trabalho no Brasil: um balanço dos anos 90*. São Paulo, 2002.

_____. *Os trabalhadores Frente à terceirização*. nº 7, maio, 1993.

DUHAN, Eunice Ribeiro. *A Caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. Ed. Perspectiva, 1978.

DURÃES, José Rodrigues. “Novas Configurações no Mundo do Trabalho: o que há de novo na informalidade de rua?” In: *Revista Pegada*, vol. 8, nº 1, p. 101.

EVELYN, Suzana S. *Cadê a Festa?- Estudo das Migrações temporárias de Um Grupo de Trabalhadores Rurais do Sertão da Bahia para a Cidade de São Paulo*. 1988 (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FEITOSA, João Bosco dos Santos. *O Averso da Maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho*. 1997. Tese (Doutorado). Sociologia. Universidade Federal do Ceará.

FRANCESCONI, Léa. “Caracterização da mão de obra flutuante” In: *A Mão de Obra Ocupada na Atividade Industrial em São José dos Campos e Jacareí: Movimentos Pendulares*. 1975. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e. Universidade de São Paulo, pp.86-94.

_____. Trabalho e Indústria em São Paulo. In: CARLOS, A.F. A & OLIVEIRA, A.U. (org.) Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole. São Paulo: Contexto, pp.115-128.

FOLCO, Francisco. Memorial Penha de França. www.memorialpenha.com.br. Acesso em 28 abr.2010.

FREIRE, A.G. *Águas do Jequitinhonha*. 2001. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Lavras em Minas Gerais.

FRIEIRO, E. *Feijão, angu e couve*. Belo Horizonte: Centro de estudos Mineiros, 1966.

FURNAS. Programa luz para todos.

- *Informe* Região Sudeste Goiás Ano I N 22 Novembro / Dezembro 2007 3 Dez 2007. pág.10.

FURTADO, D. B. *Posseiros e Despossuídos*. 1985 Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais.

GAMEIRO, Mariana Bombo Perozzi. Consumidor de mandioca paga seis vezes mais o preço recebido pelo produtor. Natural Comunicação. Sistema de Informações Agroindustriais da Mandioca Brasileira. 05 jun 2009. Disponível em: <http://www.mandioca.agr.br/portal/index.php?option=content&task=view&id=6264>. Acesso em: 28 abr 2010.

GARCIA, Ana Elisa Brito. *Mudança Tecnológica e Competitividade: A Indústria de Doces e Conservas de Frutas*. São Paulo: Ed. Scotecchi, 2002.

GAUDEMAR, Jean P. *Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital*. Lisboa, Ed. Estampa Ltda, 1976.

GEORGE, Pierre. "O Trabalho" In: *Sociologia e Geografia*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

GOMES, Fábio Guedes. *Mobilidade do Trabalho e controle social: trabalho e organizações na era neoliberal*. Revista de Sociologia e política Vol.17 nº 32, Curitiba Fev/ 2009. www.scielo.br/.

GOMES, Sueli de Castro. *Do Comércio de retalhos à Feira da Sulanca: Uma inserção de migrantes em São Paulo*. 2002 Dissertações (Mestrado) Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras da Universidade de São Paulo.

GONÇALVES, Maria Creuza. *Mudanças nas Relações de Trabalho à partir da década de 80 do século XX*. In: Encontro Mineiro de Geografia. Associação dos Geógrafos Brasileiros, julho 2005.

GORZ, André. *Adeus ao Proletariado*, Rio de Janeiro, Forense, 1982.

GOULART, José Alípio. *O Mascate no Brasil*. Rio de Janeiro:Ed. Conquista,1967.
IEB3820981G694m

GUERRERO, Patrícia. Vale do Jequitinhonha: A Região e seus contrastes. Revista Discente Expressões Geográficas n.5, ano V.p.81-100. Florianópolis, maio de 2009.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.

HOFFMANN, Helga. Desemprego e Subemprego no Brasil. 1972(Tese de doutorado). Departamento de Ciências sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

HORGAN, John. *O Fim da Ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IBGE. Censo demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 1982.

IBGE, PNAD. Rio de Janeiro; IBGE. 1990.

IBGE Municípios do Estado de Minas Gerais.
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/dtbs/minasgerais/riopardodeminas>. Acesso (21 de junho de 2009).

INOUE, Yeda Maria Akemi. *O Trabalho nas áreas residenciais de Diadema: Velhas e Novas Formas de Exploração*. 2003. Dissertação (Mestrado). FAU-USP.

JESUS, Alysson Luiz Freitas de. *No Sertão das Minas: escravidão, violência e liberdade (1830-1888)*. 2005. Dissertação (Mestrado). Departamento de História da Fafich da Universidade Federal de Minas Gerais.

JORDÃO NETO, A. *Aspectos Econômicos e Sociais das Migrações Internas para o Estado de São Paulo*. 1973 (Tese de Doutorado), PUC – SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

JORNAL. *O Norte de Minas*. 28.05.2009). <http://www.onorte.net/noticias.php?id=20870>(acesso 28.05.2009)

KLEIN, José Dari. “Reforma no Sistema de relações de trabalho no Brasil” In: *Emprego e Desenvolvimento Tecnológico* (artigos dos pesquisadores/organizado pelo DIEESE). São Paulo; DIEESE; Campinas: CESIT, 1999.

KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização: Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial*, São Paulo, Paz e Terra: 1992.

_____. *A Honra perdida do trabalho*. Revista Krisis:1991.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica Formal/Lógica dialética*. (trad.) Carlos Nelson Coutinho. 5ª. Ed. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1991.

_____. *A Revolução Urbana*. (trad.) MARTINS, Sergio Merêncio e ANDRADE, Margarida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

_____. *De Lo Rural a Lo Urbano*. Espanha: Ediciones Península, 1978.

_____. *Metafilosofia*. Ed. Civilização Brasileira, 1967..

_____. *O Direito à Cidade*. Ed. Centauro, 2008.

_____. *O Fim da História*. Dom Quixote: Lisboa, 1971.

LEITE, José Sérgio. *A Tecelagem dos Conflitos na Cidade das Chaminés*. São Paulo: Marco Zero/MCT/CNPQ, 1988.

LENCIONI, Sandra. “O capital nas atividades urbana s” In: *Agricultura e Urbanização*. 1985 Dissertações (Mestrado) Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e. Universidade de São Paulo. p.118.

_____. “A Interiorização da periferia” In: *Agricultura e Urbanização*. 1985, Dissertações (Mestrado) Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 156.

LENIN, Vladimir L. *El desarrollo Del capitalismo em Rusia*. Moscou: Ed. Progreso, 1979.

LIMA, Jacob Carlos. “Novas Formas, velhos conteúdos: diversos produtivos e emprego precário na Indústria do vestuário” In: *Política e trabalho*, nº 15, 1999, pp.121-39.

LISBOA, Abdênago. *Octaciliada: Uma Odisséia do Norte de Minas*. Belo Horizonte: Cannã, 1992, p. 280 Apud. <http://salinasmg.blogspot.com/2009/11/mercado-velho-de-salinas.html>. Acesso 28. abr. 2010.

LOPEZ, Juarez R.B. “O ajustamento do trabalhador à indústria: mobilidade social e motivação” In: HUTCHINSON, Bertram (org.) *Mobilidade e trabalho: um estudo na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesq. Educacionais/INEP-MEC, 1960.

_____. *Desenvolvimento e Migrações: uma Abordagem Histórica Estrutural*. In: Estudos do CEBRAP, São Paulo, CEBRAP, 1973, nº 6, pp.127-142.

LOPES, Juarez R. B. *Emprego e força de trabalho na América Latina*. São Paulo, CEBRAP, 1971. (mimeografado).

LUCENA, Célia Regina P. de Toledo. *Refazendo trajetórias: memórias de migrantes mineiros em São Paulo(Jardim Barbacena, 1960-1995)*. 1997. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MACHADO DA SILVA. L, A. e CHINELEI E “Velhas e novas questões sobre a informatização do trabalho no Brasil atual”. *Contemporaneidade e Educação*. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC). Maio de 1997.

MAGNANI, J.G.C. (2002). “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), pp. 1-29.

MAIA, Karla de Almeida Miranda. O Novo Perfil das Relações de Trabalho. *Revista PGM*. 1998-Ano 5, vol. 06.

MALAGUTI. M. L. “Informalidade e cidadania”. *Economia e Ensaios*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, vol.11.n. 1 e 2 julho de 1998.

_____. *Crítica à razão informal: a imaterialidade do salariado*. São Paulo: Boitempo. EDUFES, 2000.

MANDEL, Ernest. *A crise do capital: os fatos e sua explicação marxista*. São Paulo, Ensaio; Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

MAPA do trabalho informal. Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abamo, 2000.

MARIA, Luciene Xavier de. *As Particularidades do Trabalho Temporário no Distrito de Guachos, Município de Martinópolis-SP*

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. *Igreja e Movimento Operário no ABC 1954-1975*. 1986 Tese(Doutorado) Departamento de Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

_____. Os Dilemas do movimento sindical em face à terceirização. In: MARTINS, Heloisa Helena de Souza., RAMALHO, José Ricardo (org.). *Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho*. São Paulo: Hucitec: CEDI/NETS, 1994.

MARTINS, José de Souza. O vôo das andorinhas; migrações temporárias no Brasil. In: *Não há Terra para Plantar neste Verão*. Petrópolis, Vozes, 1986. pp.43-61.

_____. *Tempo da Vida e Tempo da História no Mundo camponês*. 1992(Tese de Livre Docência). Departamento de Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

_____. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. Migrações Temporárias, Problema para Quem? In: *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Editora Paulus, 1997. p.39.

_____. O Falso Problema da Exclusão e o Problema Social da Inclusão Marginal. In: *Exclusão Social e a Nova Desigualdade*. São Paulo: Editora Paulus, 1997. pp.25-38.

_____. *O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Henri Lefebvre e o retorno à Dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *A Sociabilidade do Homem Simples*. São Paulo, Hucitec, 2000.

MARX, Karl. Produção progressiva de uma superpopulação relativa um exército industrial de reserva/Formas de existência da superpopulação relativa; a lei geral da acumulação capitalista. In: *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, livro1.pp.730-752.

_____. *O Capital*, vol. 1. Tomo 1 e 2. Ed. Abril Cultural.

_____. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Ed. MartinClaret, 2002.

_____. (Elementos Fundamentales para La Crítica de La Economía Política Grundrisse) 1857-1858 Vol. I; 11ª. Ed., Madrid: Siglo XXI, 1980.

MATTOSO, Jorge E. *O Brasil desempregado: como foram destruídos mais de três milhões de empregos nos anos 90*. São Paulo, Perseu Abramo, 1999.

_____. *A Desordem do Trabalho*. São Paulo: Scritta, 1995.

MATTOSO, Jorge E.; Siqueira Neto, Jorge F. *O trabalho em regime de sub-contratação no Brasil*. Campinas, cadernos de CESIT, nº 24 set. 1997.

MELO E SOUZA, L. *Os desclassificados do ouro*. São Paulo: Hucitec, 1978

MENELAU Neto, José. Desemprego e Lutas de Classes: as novas determinidades do conceito marxista de exército de reserva. In: TEIXEIRA, Francisco José e OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (org.). *Neoliberalismo e reestruturação produtiva- as novas determinações do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez e Uece, 1996.

MENEZES Marilda A. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes. Um estudo de famílias de camponeses migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. João Pessoa: Ed.UFPB, 2002.

_____. Interações sociais em alojamentos de trabalhadores temporários: o caso dos “Corumbá” nas plantações de cana-de-açúcar do Estado de Pernambuco. In: *XXII Encontro Anual ANPOCS*. GT14-Processos e movimentos sociais no campo, Caxambu; outubro de 1998.

MÉSZÁROS, István. . *Para Além do Capital*. São Paulo, Boitempo; Campinas, Editora da Unicamp, 2002.

_____. *A ordem do capital no metabolismo social da reprodução*. In: Ad Hominem- Revista de filosofia, política, ciência da história. Num. 1, t.1. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, p.83-124.

MONTENEGRO, Marina Regitz.. *O Circuito Inferior da Economia Urbana na Cidade de São Paulo no Período da Globalização*. 2006. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MOREIRA, Ruy. *O Discurso do Avesso*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

_____. Trabalho e Movimentos Sociais no Brasil: um diálogo possível no âmbito da luta emancipatória? *II Jornada sobre o Trabalho. Caderno de Textos – Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT)*. Presidente Prudente: CEGeT, 2001c.

_____. As novas noções do mundo (geográfico) do trabalho. *Revista Ciência Geográfica-Bauru- VII – Vol. III(20)*: set/dez de 201. p.10 a 13.

MORGAN, Lewis Henry (1818-1881). *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*. First published: in 1877, by MacMillan & Company, London. This edition was printed in USA.

MOTT, Luis R. de Barros. Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil. In: *A Feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do Baixo São Francisco*. 1975(Tese Doutorado). Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

MOURA, Maria Margarida. *Camponeses*. São Paulo, Ed. Ática, série Princípios. 1986.

_____. *Os deserdados da Terra: a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1988.

_____. *Os herdeiros da Terra: parentesco e herança uma área rural. São Paulo: Hucitec, 1998.* São Paulo: Hucitec, 1978.

MOURA, Yone Gonçalves de, EROY, Aparecida da Silva e NOTO, Ana Regina. *Redes sociais no contexto de uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua.* Psicologia em Pesquisa | UFJF | 3(01) | 31-46 | janeiro-junho de 2009.

NACHILUK, K.; NOGEIRA JUNIOR, S.; SILVA, J.R. da. *Mandioca e milho no pão, por que não?*. 2008. Artigo em Hipertexto. Disponível em: http://www.infobibos.com/Artigos/2008_3/MandiocaMilho/index.htm. Acesso em: 29/1/2009.

NAVARRO, Vera Lúcia. Trabalho Informal, Subcontratado, terceirizado: a participação do trabalho feminino e infantil na produção de calçados em Franca-SP-BRASIL: 1999. *Congresso Mundial sobre segurança e saúde no trabalho (15)1999: São Paulo.*

NEGRÃO, Theotonio; Bandioli, Luis Guilherme Aidar; Gouvêa, José Roberto Ferreira. *Código Civil e Legislação Civil em Vigor.* São Paulo: Ed. Saraiva 2010.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. *Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais.* 2009. (Tese de Doutorado). Departamento de Antropologia da UNIMONTES-Universidade Estadual de Montes Claros em MG-Minas Gerais.

OIT. *Trabajo a domicilio.* Conferência Internacional Del Trabajo, Gendul, 82ª Réunion da Oficina Internacional do Trabalho, 1995.

_____. *Trabajo em régimen de subcontratacion.* Conferencia Internacional Del Trabajo, Genebra, 85ª Reunión da Oficina Internacional do Trábalo, 1997.

_____. *Trabalho a domicilio: novas formas de contratualidades,* 1998.

_____. *El trabajo a domicilio en Argentina,* 1998.

_____. *Trabajadores a domicilio en Paraguay,* 1998.

_____. *El trabajo a domicilio en Chile, un tema antiguo y actual, resultados de una medicion nacional,* 1998.

_____. *El trabajo a domicilio en países seleccionados de América latina: una visión comparativa*, 1999.

_____. *World of work the magazine of the Ilo, Bringining decent work into focus*. Ano 57, September 2006.

_____. *La eliminación del Trabajo infantil, milhones de voces, una esperanza comun* num. 61, diciembre, 2007.

_____. *El Trabajo en El Mundo 5: os derechos humanos en el trabajo; el empleo: las relaciones de trabajo; la protección social y las condiciones de trabajo*, 1992.

_____. *Travail. Promover condiciones de trabajo decentes. Programa de la OIT sobre las condiciones de trabajo y empleo*.

_____. *A OIT de relance*, 2007.

_____. *A OIT: origens funcionamento e atividade*, 2007.

OFFE, Claus. (1989) “Trabalho como Categoria Sociológica Fundamental?”, *Trabalho & Sociedade*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, vol. I.

OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, nordeste, planejamento e conflitos de classe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

OLIVEIRA, Marco Antonio. (org). *O mundo do trabalho (crise e mudança no fim do século)*. São Paulo: CESIT/Editora da UNICAMP/Scripta, 1994.

OLIVEIRA, Maria Elzenita Braga Alves de. *Trajetórias Ocupacionais e Reprodução da Força de Trabalho Urbana*. 1988 (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba.

PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PAIVA, Paulo. A crise do emprego no Brasil: suas origens e perspectivas. *Revista do IPARDES-Instituto Paranaense de desenvolvimento Econômico e Social*, Curitiba, 55-60, 1984.

PAIVA, Vanilda et al. Qualificação e inserção alternativa no mundo do trabalho: a sociologia do trabalho para a indústria. *Novos Estudos CEBRAP*, jul. 1997, n.48 p.121-42.

PELIANO, José Carlos. *Acumulação de trabalho e mobilidade de capital*. Brasília: Ed. Brasiliense, 1990.

PICCOLI, D. “Eucalipto, o (deserto) verde maldito: atos de uma disputa com muitos perdedores” In: *Cadernos do CEAS*, Salvador, n.222, p.93-104, abr./jun.2006.

PINHO, Magda Sales. *A Difusão da Agenda do Trabalho decente no Brasil*. Projeto para exame de Defesa no Programa de Mestrado em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

PIRES, Élson L.S. O trabalho de informal nos anos 80: novos rumos teóricos e perspectivas analíticas, In: *Anais do III Encontro Nacional de Estudos do trabalho (ABET)*. Rio de Janeiro, 21^a 233set. 1993, vol. II, p.913-26.

POCHMANN, Marcio. *O emprego na globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo, Boitempo, 2001.

_____. *A Desestruturação do mercado de trabalho nos anos 90*. Campinas: CESIT/UNICAMP, 1998.

_____. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. OS PRINCIPAIS pontos da reforma. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.1-8, 9 jun.1999.

PÓVOA NETO, Helión. “Migrações Internas e Mobilidade do trabalho do Brasil atual. Novos desafios para análise” In: *Experimental*. Revista do Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental. Ano 1(2). São Paulo: Humanitas, 1997.

PNAD. *Trabalho no Brasil: Região Metropolitana de São Paulo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.

PRADO, Antonio. *Globalização e Desemprego nos anos 90. In: Emprego e Desenvolvimento Tecnológico* (Artigos dos pesquisadores/organizado pelo DIEESE). São Paulo; DIEESE; Campinas:CESIT,1999.

PRANDI, Reginaldo. *O Trabalhador por conta própria sob o capital*. 1978 (Tese de Doutorado). Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

PRIORI, Ângelo. *O Protesto do Trabalho: história das lutas sociais dos trabalhadores rurais do Paraná: 1954-1964*. Maringá: Ed. Universidade Estadual de Maringá, 1996.
RAMALHO, José Ricardo. “Precarização do Trabalho e impasses da organização coletiva no Brasil” In: ANTUNES, Ricardo (org.) *Neoliberalismo, trabalho e sindicatos: reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 1994.

RACZYNSKI, Dagmar, *El sector informal urbano: interrogantes y controversias*, OIT-PRELAC, Santiago, 1977.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. *Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semi-árido de Minas Gerais*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Universidade Federal de Lavras, 2007.

_____. *As estradas da vida: terra, fazenda e trabalho no Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais*. 1997. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

_____. *Lembranças da Terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. CEDEFES-Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, elo Horizonte, Minas Gerais: 1996.

RIBEIRO, E.M.; CASTRO, B.S.; RIBEIRO, J.A. (Coord.). *A Feira livre de Minas Novas: abastecimento urbano, consumo e renda para a agricultura familiar: Lavras, Turmalina, Minas Novas: relatório de pesquisa*. Lavras. Universidade Federal de Lavras, 2004.

RIBEIRO, E.M. et al. “Uso e gestão de recursos comuns no alto Jequitinhonha” In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 2003. *Anais(...)* Juiz de Fora: SOBER, 2003.

RIBEIRO, E.M. GALIZONI, FM; ASSIS, T.P. “Os caminhos de São Paulo” In: *Revista Brasileira de Estudos da População*, v.21 n.2, p. 241-258, Jul/Dez.2004.

RIBEIRO, Júlio Cezar. *A Geografia das Formas Espaciais de Reprodução da Existência Humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico*. 2006. Tese (Doutorado) Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

ROCHA, Marcio Mendes. *Mobilidade forçada-a economia política dos deslocamentos*. Revista Acta Scientiarum 21 (10;153-161,1999. Periódicos. UEM.BR.

ROMANELLI, Geraldo. “Autoridade e poder na família” In: Carvalho, Maria do Carmo B.de.(org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002, pp. 73-88.

ROSANDISKI, Eliane Navarro e SILVA, Ricardo Andrés Cifuentes. “Mudanças no perfil do emprego no Brasil nos anos 90” In: *Emprego e Desenvolvimento Tecnológico: artigos dos pesquisadores/organizado pelo DIEESE*. São Paulo; DIEESE; Campinas: CESIT, 1999.

ROSAS, Eduardo Nunes Leite. *Rapazes da Roça na Cidade Grande: Trabalho, Sociabilidade e Projetos*. 2006. Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

ROSSINI, Rosa Ester. *Contribuição ao Êxodo Rural no Estado de São Paulo*. 1975(Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SABOIA, João L. M. “Transformações no mercado de trabalho no Brasil durante a crise: 1980-1983” In: *Revista de economia Política*, Vol. 6 número 3, julho/ setembro de 1986. pp.82-106.

SALIM, Celso Amorim. “Migração: o fato e a controvérsia teórica” *VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Informação Demográfica/Fecundidade/Demografia histórica/Anais. Vol.3. São Paulo: ABEP-Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1992.

SALM, Cláudio. (coord.) *O Mercado de Trabalho Brasileiro estrutura e Conjuntura*. Brasília, Ministério do trabalho. Secretaria de emprego e Salário; rio de Janeiro, UFRJ. Instituto de Economia Industrial, 1987.

SANTOS, Boaventura (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalistas*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2002.

SANTOS. Milton. *O Espaço Dividido*. Rio de Janeiro. Ed. Francisco Alves, 1979.

SARTI, Cynthia. *A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores associados, 1996.

_____. Família e Individualidade: um problema moderno. In: Carvalho, Maria d Carmo B. de.(org.) *A Família Contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.(39-49).

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____.O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v.13, N. Esp., p.7-32, jan.2000.

SCHLINDWEIN, Maria Madalena. *Influência do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o padrão de consumo alimentar das famílias brasileiras*. 2006. Tese (Doutorado) Escola Superior de Agricultura. “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo.

SILVA. Auxiliadora e TOLEDO JUNIOR Rubens de. (Orgs.) *Encontro com o Pensamento de Milton Santos: O homem e sua obra*. Salvador: Edufba, 2009.

SILVA, Henrique Ataíde da. *Mandioca, a Rainha do Brasil? Ascensão e Queda da Manihot Esculenta em São Paulo*. 2008. Dissertação (Mestrado) História Social. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SILVA, Luis Antonio Machado da. *Mercados Metropolitanos de trabalho manual e marginalidade*. 1971 (Dissertação de Mestrado). Departamento de Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Destinos e trajetórias de camponeses migrantes*. In: Anais VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol.3. ABEP, pp.161-77, 1992.

_____(coord.) *Migrar é Preciso*. Pastoral dos Migrantes, Diocese de Caetité/Bahia, 1997.

_____. “Contribuições metodológicas para a análise das migrações” In: *Estudos Migratórios*; Perspectivas metodológicas. São Paulo: Edufscar, 2005, p.53-86.

_____. *Errantes do fim do Século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. (Prismas).

_____. *Quando as andorinhas são forçadas a voar*. São Paulo: CEM 1988.

SINGER, Paul. *Os novos Nômades*. Movimento, nº 18, 3.11.1975.

_____. “Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo”. In: *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Brasiliense/CEBRAP, 1977.

_____. *Economia Política do Trabalho*. São Paulo, HUCITEC, 1979.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas - Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

STABILI, J.B. *O golpe do gato ao “bóia-fria”*. São Carlos, 1982. (Mimeografado).

STOLCKE, Verena. “A exploração capitalista da família” In: *Cafecultura, homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TARTUCE, Gisela Lobo Baptista Pereira. *Tensões e Intenções na Transição escola-Trabalho: um estudo das vivências e percepções de jovens sobre os processos de qualificação profissional e (re)inserção no mercado de trabalho na cidade de São Paulo*. 2009. Tese (Doutorado). Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

TAVARES, Maria Augusta. *Os fios (in) visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2004.

TELLES, Vera da Silva. *Trabalho e Formas de Vida*. In: *Pobreza e Cidadania*. São Paulo: Editora 34. Pág.89 a 95.

THEDIM, Manuel. *Diagnóstico da economia informal de São Paulo*. THEDIM, Manuel (Coord.), AMORIM, Érica, AZEVEDO, Luisa de., BLANCO, Maurício&FONTES, Adriana. www.iets.org.br/.

THIOLLENT. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquête Operária*. São Paulo: Polis, 1982.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. *Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI (Limites Explicativos, Autocrítica e desafios Teóricos)*. 2009. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

_____. “Por uma Geografia do Trabalho” In: *Revista Pegada*, número especial. Vol.3, 2002, pp. 4-26.

_____. “Trabalho mutante e territórios em Disputa” In: *Revista Pegada*, Vol.8, número. 2007, 1. Pág.8, Florianópolis, 37, jan. Jun. 2004.

_____. “O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da leitura geográfica” In: *Revista Ciência e Geografia*, Bauru, ano 9, vol. 9, num.1, jan.-abril, 2003.

_____. “Barracão”, “Forma de Controle da mão-de-obra recriada pelo capital”, “Os mineiros da região de Jaboticabal” In: *Boletim Paulista de Geografia*, editado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 60, 2º semestre de 1983, pp. 141-161.

TOLEDO, Carlos de Almeida. *A Mobilização do trabalho nas Lavras Baianas*. 2001. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

THOMPSON, Paul. “A Transmissão Cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida” In: *Ciências Sociais Hoje*, 1993. ANPOCS. Ed. Hucitec, 1993, p.(9-19).

TRAVERSIA - Revista do Migrante. São Paulo, *CEM (Centro de Estudos Migratórios)*, 1(1), Maio/Ago.1988.

_____. *CEM (Centro de Estudos Migratórios)*, 1(2), Set/Dez.1988.

_____. *CEM (Centro de Estudos Migratórios)*, 1(7), Maio/Ago.1990.

_____. *CEM (Centro de Estudos Migratórios)*, 3(8), Set/Dez.1990.

TWINDRIH, L. E FERREIRA, S. P. A. “Evolução Recente do Mercado de Trabalho na Grande São Paulo” In: *Revista Travessia* (16) ANO VI, maio/ago/93. São Paulo. pp.14-16.

VAINER, Carlos. *Trabalho, espaço e estado: questionando a questão migratória*. Rio de Janeiro: IPUR/Editora da UFRJ, 1984.

WIRTH, Louis (1949). “O urbanismo como modo de vida”, In: *O Fenômeno Urbano* VELHO, O. G. (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

WOLF, E. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar.

WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. “Parentesco e reprodução camponesa”. In: *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Cortez, 1985.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se negocia: o campesinato como ordem moral” In: *Anuário Antropológico*/ 87. Brasília: Editora da UnB, 1990.